

PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Director: Samuel Thirion

Nº 18 | Abril 2000 | Preço: 1 Euro



As mulheres no desenvolvimento rural

*Caderno temático inserido
nesta edição*

**MANIFESTA: ASSEMBLEIA / FESTA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL
Tavira, 27 a 30 de Abril**

P4,5 Seminário de Viana | P6 Formação em Alte | P10 Artesanato em Rede | P11 Museu do Ouro

P14,15 Pessoas | P17 Lugares | P19 Textos sobre Desenvolvimento Local | P20 Produtos e Produtores

O seminário sobre "A articulação dos programas nacionais e europeus para a elaboração de uma estratégia de desenvolvimento local", que decorreu em Viana do Castelo a 7, 8 e 9 de Março, respondeu de maneira satisfatória aos objectivos procurados: permitiu, por um lado, divulgar os resultados do trabalho realizado ao longo dos últimos meses pelos dois grupos de proximidade envolvidos na sua preparação e, ainda, confrontar as ideias e experiências das ADL que permitiram aprofundar e consolidar o método SEP.

Findo o seminário, põe-se agora o problema da continuidade a dar ao trabalho realizado. As intenções apresentadas pelos dois grupos de proximidade durante o seminário deram uma resposta clara a esta questão. Por um lado, o grupo de proximidade do Entre-Douro-e-Minho irá manter, com o apoio da Célula, um papel de pesquisa e difusão de informações sobre os novos Programas, com especial atenção para tudo quanto possa interessar às ADL e às suas estratégias de desenvolvimento local. Quanto ao grupo de Trás-os-Montes, vai produzir em breve uma nova versão do SEP que integrará as observações e sugestões feitas durante o seminário e divulgará esta nova versão junto de todas as ADL. Numa fase posterior, a intenção é obter as contribuições das associações que venham a aplicar o método, para produzir uma versão definitiva que fique como referência metodológica para o futuro.

Havendo outros grupos que estão nesta mesma lógica, será provavelmente mais fácil encontrar soluções adequadas para ultrapassar as dificuldades encontradas até agora, confrontando experiências mútuas. Poder-se-á, talvez, formalizar progressivamente uma metodologia de animação em rede, que sirva de referência comum. Nomeadamente, a questão mais importante que se coloca tendo em linha de conta a experiência adquirida no método SAP, é como assegurar um retorno de informação por parte das associações que o estão a aplicar e envolvê-las num trabalho de reflexão colectiva animada pelo grupo dinamizador. Verifica-se que um trabalho de reflexão colectiva deste tipo é relativamente fácil de assegurar no decurso de um seminário, mas que após o seminário é naturalmente muito mais difícil, por causa da distância e da ausência de contactos directos. Mas existem soluções e há que as procurar e experimentar.

Dos Grupos de Trabalho aos GRUPOS DINAMIZADORES do trabalho em rede

Assim, os dois grupos de trabalho que prepararam o seminário estão a entrar numa nova fase, que é mais de animação da rede do que propriamente de grupo de trabalho. Já não se trata de trabalhar em grupo restrito para elaborar um produto, mas sim de fazer um trabalho de animação da rede a partir da divulgação desse produto, obtendo todas as contribuições úteis para o seu aperfeiçoamento. Por outras palavras, estes "grupos de trabalho" estão a transformar-se em "grupos dinamizadores" do trabalho em rede.

Esta nova figura, que provavelmente se irá afirmar progressivamente no futuro, já estava latente nos seminários anteriores. Por exemplo, após a apresentação do método SAP no seminário de Viseu em Julho de 2000, o grupo de proximidade da Beira Litoral Norte passou a ter um papel de grupo dinamizador para a divulgação do método SAP, coordenando a sua utilização. Numa primeira fase, que decorreu, até final de 2000, finalizou-se o método e, a partir de então iniciou-se uma fase de divulgação. No entanto, não encontrou ainda a melhor forma de assegurar este trabalho em rede. Verifica-se que várias ADL aplicaram total ou parcialmente o método SAP sem que o grupo dinamizador tenha recebido qualquer observação sobre o assunto. Entretanto, apareceram solicitações sobre o método por parte de outros países. O método foi apresentado em Espanha e num seminário europeu, e é reconhecido como uma referência. Daí as diversas solicitações de informação e a proposta de parcerias para a sua aplicação. Uma nova tarefa para a animação do trabalho em rede.

Uma das ideias que surgiram é a da elaboração de uma "carta de utilização" que permita formalizar o trabalho em rede em torno da utilização de um produto, definindo de maneira consensual os objectivos, as etapas, o papel do grupo dinamizador, os intercâmbios que se pretendem com os utilizadores do produto e os espaços a criar para facilitar estes intercâmbios (reuniões, mensagens Internet, utilização do fórum do DR, etc.). Esta carta poderá servir de referência comum e evoluir no tempo em função da prática que se verifica na forma de funcionar em rede.

Haverá eventualmente outras ideias e soluções que teremos de confrontar com a prática. As metodologias de trabalho em rede serão um campo importante de actuação nos próximos meses e a existência de vários grupos dinamizadores do trabalho em rede é, sem dúvida, um elemento decisivo para isso. Como sempre o fizemos desde o início das actividades da Célula de Animação, iremos trabalhar segundo os princípios da aprendizagem colectiva: experimentando em conjunto, reflectindo em conjunto e, com todos formalizando as metodologias de intervenção que parecerem mais adequadas. Já o fizemos com os encontros de proximidade, as trocas de experiências, as acções de formação, os grupos de trabalho, os seminários. Vamos agora aplicar este princípio com os grupos dinamizadores do trabalho em rede para que se constituam em mais uma pedra na construção e consolidação da rede LEADER.

Samuel Thirion
sthirion@inde.pt

A rede portuguesa LEADER II e O "MOVIMENTO PORTUGUÊS (PARA O... OU DO...) DESENVOLVIMENTO LOCAL"

**deixem vir a mim todas as diversidades humanas, porque a onnipotência da minha sensibilidade e tolerância, permitirá que a todos represente, por todos seja reconhecido como:
— AQUELE que deve governar!**

"do discurso do líder democrata Bomsoueu aos Povos do Reino da Diversidade!"

É um facto. Existem em Portugal 48 entidades gestoras locais de um Programa chamado LEADER II. Estas entidades, autodenominadas de Associações de Desenvolvimento Local, são os quarenta e oito nós da Rede Portuguesa LEADER II.

Embora muito diferentes entre si pela sua origem, pelos interesses pessoais, pelas motivações de carácter ideológico e político-partidário, e ainda, pelos valores éticos e morais defendidos pelos seus responsáveis, há entre elas um forte denominador comum!

Todas estas 48 entidades têm tido... o poder de decidir autonomamente sobre a aplicação de fundos públicos comunitários segundo estratégias e normas por elas propostas, dentro dos limites territoriais e financeiros previamente contractualizados com o Estado Português, aplicações enquadradas pelo regime de SUBVENÇÃO GLOBAL, que significa, deveria significar:

— Apoio financeiro "a priori" de um PROGRAMA composto por um conjunto de medidas e projectos, e não como na generalidade de outros programas e projectos onde:

- a) quem determina os objectivos, os públicos-alvo e as regras, são as entidades financiadoras,
- b) os financiamentos são destinados a programas, projectos ou acções sectorializadas, sem abordagem territorial integrada,
- c) as entidades locais executoras não têm de facto qualquer responsabilidade efectiva na definição de quem pode, e deve, ser ou não beneficiado e em que condições.

Trabalhar com um mesmo instrumento financeiro, com uma filosofia de base própria e regras comuns, origina necessariamente, apesar de todas as diferenças já citadas, mais as de carácter geo-cultural e sócio-económico, um conjunto de

situações positivas e negativas comuns, incentivadoras de acções concertadas, quer nos planos metodológicos de intervenção, quer em defesa de interesses "corporativos" perfeitamente legítimos, sempre e quando não sejam objectivamente atentatórios dos interesses gerais do denominado "Movimento Português do/para o Desenvolvimento Local".

É óbvio que as entidades que têm vindo a fazer a gestão local do Programa LEADER, dispuseram de oportunidades diferentes em relação a todas as outras, oportunidades essas que, por inerência dos meios disponibilizados e da capacidade de decisão sobre a sua aplicação, lhes conferiram acrescidas responsabilidades geradoras duma relativa homogeneidade de objectivos e métodos de actuação.

A maior parte das entidades gestoras do LEADER evoluiu rapidamente dessa condição para a condição de "entidades" de Desenvolvimento Local, recorrendo frequentemente a outros instrumentos financeiros (projectos e programas) valendo-se e muito bem, da profissionalização de equipas técnicas permitida pelo LEADER (talvez a mais importante das especificidades deste programa) para elaborar candidaturas e executar projectos o mais diversificados e complementares.

Como sempre acontece, nem sempre as entidades mais profissionalizadas e com maiores meios técnicos e financeiros souberam, ou quiseram, ou puderam, (devido a circunstâncias decorrentes da sua própria inexperiência, da falta de formação adequada ou da dependência de orientações alheias e à margem dos objectivos do D. L.) - organizar parcerias locais dinamizadoras e integradoras dos conjuntos de protagonistas e iniciativas existentes no seu território.

A responsabilidade dessa falta de cooperação entre entidades mais dotadas de meios e outras menos profissionalizadas, de escala e abrangência menores, não pode ser atribuída apenas às entidades gestoras do LEADER.

Também no universo das entidades não "LEADER" que compõem e participam do Movimento do Desenvolvimento Local existem diferenças de muitas origens e causas, incluindo as de ordem cultural e político-partidária, tendencialmente instrumentalizadoras, que dificultam essas parcerias locais geradoras de dinâmicas muito mais eficazes e solidárias.

Contudo, é legítimo considerar que, a quem foram dadas mais oportunidades e meios se devam exigir mais e maiores responsabilidades.

Na medida em que não tenhamos sido capazes de contribuir para que o - Desenvolvimento Local - se tivesse iniciado em Portugal algumas décadas mais cedo, todos somos responsáveis pelo titubear

natural de um processo que, de tão jovem, precisa de tempo para ganhar determinação e rumo e... quem sabe... perder em diversidade e capacidade imaginativa!

Para que exista solidariedade entre a diversidade que compõe o D.L. era necessário que os valores e as práticas da solidariedade existissem e fossem aplicadas em cada célula base, para alimentar o perpétuo "movimento" da evolução do todo.

Como sabemos, estamos ainda bem longe de alcançar uma tal generalização da adopção dos valores e práticas verdadeiramente democráticas e solidárias.

Estamos ainda longe de poder contar com condições, sobretudo subjectivas, que permitam, com alguma eficácia, organizar ou coordenar sob a "frequência" de um mesmo receptor - difusor, a MUITO RICA E FUNDAMENTAL DIVERSIDADE DO - "MOVIMENTO"!

Reconhecer essa DIVERSIDADE e valorizá-la, pressupõe que se aceite como "naturalmente-normal" a existência de organizações de todos os tipos e a todos os níveis supra-locais, como emanações mais ou menos lógicas dos diversos conjuntos que a GRANDE DIVERSIDADE contém!

Coerentemente ninguém pode afirmar as virtualidades da diversidade ao nível do terreno, procurando ao mesmo tempo centrar numa só pessoa ou organização, a representatividade dessa mesma diversidade. Sobretudo, enquanto entre a base e o topo não existirem mediadores dos diversos interesses objectivos e subjectivos à procura de afirmação!

Por pensar que o "Movimento Português, do, ou para o Desenvolvimento Local" se encontra ainda nesta fase embrionária de permanente ajustamento das suas organizações de representação, temos dificuldade em deixar de agir (muito modestamente já se vê) no sentido de esbater a crispação latente entre as diferentes Organizações que pretendam representar o referido Movimento.

Para a DIVERSIDADE existente, provavelmente serão poucas as organizações que existem. É por isso que, quando trabalhamos para animar e consolidar a Rede Portuguesa LEADER II, estamos convictos de estar contribuindo para dinamizar e consolidar o Desenvolvimento Local no seu todo, sem preconceitos sobre a valorização de qualquer das partes desse Todo, e na esperança de que os responsáveis pelas organizações existentes sejam cada vez mais capazes de fazerem aquilo que recomendam: - formar parcerias efectivas e solidárias, ainda que em conflitual cooperação!

Camilo Mortágua
camilomortagua@inde.pt
Alvito, Março de 2001

A "Articulação dos programas nacionais e europeus para a elaboração de uma estratégia de desenvolvimento local" foi o tema que a Adrat, Adril, Adriminho, Atahca, Beira Douro, Desteque, Douro Histórico e Sol-do-Ave levaram a seminário nos dias 7, 8 e 9 de Março último, em Viana do Castelo. Organizado no quadro das actividades da Célula de Animação, este seminário juntou 25 ADL de todo o país, uma da Galiza e quase 100 participantes. Etapa a etapa, os LEADER discutiram como fazer mais e melhor no futuro.



Fotos: João Limão

Seminário em Viana do Castelo

RUMO AO FUTURO

O seminário de Viana do Castelo, o sétimo no âmbito das actividades da Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II, teve a particularidade de ter sido preparado por dois Grupos de Proximidade.

Constituídas em Grupos de Trabalho após as respectivas "acções de formação", as ADL dos Grupos do Minho (Adril, Adriminho, Atahca e Sol-do-Ave) e Trás-os-Montes (Adrat, Beira Douro, Desteque e Douro Histórico - às quais se juntou posteriormente a Dueceira), decidiram articular-se na organização de um seminário comum.

A proposta partiu da Célula de Animação considerando, por um lado, a complementaridade dos dois temas que os grupos vinham reflectindo e, por outro, as recomendações saídas do Encontro Nacional de Santarém.

Da "fusão" dos dois temas saiu um objectivo para Viana do Castelo: apresentar e propor às ADL um método para a elaboração de uma estratégia de desenvolvimento local, tendo em conta os programas de apoio nacionais e europeus existentes. Discuti-lo, aprofundá-lo e melhorá-lo, envolvendo o maior número de ADL e os organismos responsáveis pelo Programa, foi o desafio lançado aos participantes.

Ganhar competências na forma de olhar para um território, identificando os pontos fortes e pontos fracos, as ameaças e as oportunidades, e definir uma estratégia de desenvolvimento para esse território e para a ADL é precisamente o que propõe o método apresentado - o Método SEP (Sistematização de Estratégias Participativas).

do SAP ao SEP

Começado a ser desenhado em Novembro na "acção de formação" de Lamego, o SEP surge no prolongamento do SAP (Sistematização da Auto-avaliação Participativa). Sobre o passado num caso (SAP) e o futuro no outro (SEP), os dois são métodos de sistematização da reflexão, participativos e flexíveis na sua aplicação. Relativamente ao SAP, isso mesmo já tinham testado as ADL da Beira Litoral (Add, Ad Elo, Addlap e Adices) - os "pais" do método - em Viseu. Foi aí também, de resto, que a ideia de outro Grupo de ADL desenvolver um método complementar do SAP foi proposta. O Grupo de Proximidade de Trás-os-Montes, ao qual se juntou a Dueceira, aceitou o desafio e assim nasceu o SEP.

À imagem do SAP, o método SEP também se apresenta com quatro etapas: (1ª) definir objectivos e resultados para o território; (2ª) definir uma estratégia geral de desenvolvimento para o território; (3ª) definir uma estratégia para a ADL; (4ª) montar um PDL.

Testado pelas ADL do Grupo de Trabalho, o método SEP chega a Viana do Castelo mais forte e, simultaneamente, mais flexível permitindo a cada ADL encontrar nele os elementos que mais lhe podem interessar e adaptar a sua aplicação segundo a sua própria situação e interesse. Quantas mais ADL forem envolvidas neste processo mais melhorias poderão ser introduzidas no método.

Partindo deste pressuposto, a ideia de lhe juntar o Grupo de Trabalho sobre os "instrumentos de apoio" foi muito bem acolhida. Representando uma importante mais-valia para o método, a informação sobre os programas de apoio - peça essencial para a aplicação do mesmo - as nove ADL, e a Célula de Animação, organizaram um seminário comum. Apresentar o SEP, etapa a etapa, e em pequenos grupos de trabalho (cerca de 20 participantes) foi a metodologia seguida em Viana do Castelo.

SEP em trabalho de grupo

Assim, no primeiro dia, após uma apresentação geral e enquadramento técnico do Método pelas ADL do Grupo de Trabalho constituído em Lamego, e da intervenção da Dueceira dando conta dos

objectivos, metodologia e resultados da aplicação de um inquérito à comunidade sobre a justificação da sua aplicação no território da sua zona de intervenção, os participantes foram divididos em três grupos de trabalho e distribuídos por outras tantas salas para o primeiro momento prático do seminário: aplicar a Etapa 1. Eram 15 horas. Duas horas depois estavam de volta para apresentar as conclusões.

Nem sempre conseguindo concluir os exercícios mas quase sempre respeitando a duração prevista para os mesmos, intercalados com sessões plenárias de debate e consensualização, e com a apresentação dos diferentes instrumentos de apoio ao DL, os três grupos voltariam a reunir-se mais duas vezes no segundo dia para analisar e aplicar as Etapas 2 e 3. A Etapa 4, a última, onde se propõe montar e redigir um PDL (Plano de Desenvolvimento Local) por não ter sido ainda suficientemente trabalhada pelo Grupo antes do seminário não foi "testada" em Viana do Castelo, não obstante a sua apresentação e discussão no último dia.

No segundo dia de seminário, antes de os Grupos partirem à descoberta da Etapa 2 onde se procura cruzar os objectivos identificados para o território (Etapa 1) com os programas existentes e a sua adequação, foi tempo de ficar a saber, afinal, quais são os instrumentos de apoio disponíveis para a intervenção do desenvolvimento local.

Instrumentos de apoio até 2006

As ADL do Grupo de Proximidade do Minho, sob a forma de Grupo de Trabalho, e em colaboração com a Célula de Animação, apresentaram em Viana do Castelo um trabalho de sistematização de toda a informação disponível relativamente aos diversos programas existentes. Fizeram-no de viva voz, recorrendo a diferentes suportes de apresentação, e através de um conjunto de fichas-resumo sobre cada um dos programas.

Partilhada por cada uma das ADL a grande tarefa ficou assim distribuída: Adril – Economia e Turismo; Adriminho – Cultura, Floresta e outros pequenos programas; Atahca – Agricultura; Sol-do-Ave – Emprego e Formação Profissional.

Nem podiam, nem se pretendia que os técnicos se tomassem "especialistas" na matéria mas tão somente aptos a facilitar a informação aos restantes utilizadores. E ainda mais quando estava reservado um momento para a apresentação formal, através de uma mesa-redonda, de alguns dos Programas pela mão de quem com eles lida todos os dias.

Ainda assim, para uma consulta mais completa e detalhada, a Célula de Animação pôs à disposição dos participantes uma pequena biblioteca dos Programas de Apoio e um computador com acesso à Internet durante o seminário.

Aguardados com alguma expectativa, responsáveis pela gestão e implementação do Programa Operacional da Região Norte e INTERREG (Juvenal Peneda), do Programa Operacional Emprego, Formação e Desenvolvimento Social - POEFDS (Delfina Cordeiro e Rui Marinho), do Programa Operacional de Agricultura e desenvolvimento Local - AGRO e da Medida Agricultura e Desenvolvimento Rural dos Programas Operacionais Regionais - AGRIS (Manuel Ovelheiro) seguiram-se, por esta ordem, na tribuna.

Por volta das 19 horas, para aqueles que conseguiram resistir, ainda teve lugar uma conferência sobre a "Implementação de projectos transnacionais e transregionais na área do desenvolvimento regional". Referindo exemplos da sua prática profissional, o arquitecto Roberto Pirzio-Biroli partilhou a sua paixão pela região e o desejo de aplicar aquela metodologia no Vale do Lima. Devido ao adiantado da hora, as conclusões da 3ª Etapa, cuja apresentação estava prevista no programa, ficaram para o dia seguinte.

para um LEADER+ MAIS

No dia seguinte – o último - deixando o Monte de Santa Luzia, de onde se avistam a cidade, o rio Lima e o mar, os participantes do seminário de Viana do Castelo seguiram na direcção do rio até ao Castelo de Santiago da Barra. Foi aqui, nesta fortificação marítima, objecto de grandes restauros há poucos anos, e onde está instalada a Região de Turismo do Alto Minho, que decorreu o último dia do seminário.

Retomados os trabalhos exactamente no ponto onde tinham ficado no dia anterior, e depois de recuperadas as conclusões da Etapa 3 foi apresentada a Etapa 4 – montar um PDL. Por ser a menos trabalhada de todas as etapas, ou ser neste momento que a questão do LEADER+ se reveste de maior acuidade, foi a que mais discussão gerou.



Pela primeira vez, na qualidade de gestor do LEADER+, Luís Duarte era o homem que todos queriam ouvir. Novidades não trazia muitas – a reunião de onde poderiam sair algumas só aconteceria na segunda-feira a seguir em Bruxelas – mas ainda assim não deixou de fazer um breve ponto de situação sobre a nova fase do Programa.

Referindo-se muito brevemente às diferentes fases do processo de candidatura de Portugal, Luís Duarte sublinhou a necessidade de se avançar já com o convite público às ADL. "Eu sou, por natureza, um homem optimista. Temos em finalização o texto do convite público a dirigir a todas as ADL, conforme está no programa nacional, e imediatamente será iniciado o processo de selecção. Aparte as três fases que estão definidas no programa nacional para a selecção dos GAL/PDL, e que são a conformidade, a verificação das condições de acesso e apreciação e qualificação dos PDL, tentaremos, independentemente da necessidade, da urgência e da conformidade dos pareceres das Direcções-Regionais, tornar simultâneos os júris de selecção. A ideia é que deixem de existir os júris regionais e existam novos representantes regionais num júri nacional pedido pelo gestor. Não se perdem minimamente os pareceres regionais e ganha-se muito a nível de celeridade".

método sai reforçado

Quem ganhou com este seminário foi, sem dúvida, o método. Esta foi, pelo menos, a ideia veiculada nas últimas intervenções do seminário de Viana do Castelo. Que ter método é importante pareceu ser unânime mas mais importante do que ter método não é saber o que se vai fazer e para quê? Uma questão lançada numa tentativa de provocar debate mas sem grande sucesso. Ainda assim, da pouca discussão alimentada durante alguns minutos saiu a palavra-chave para resolver o enigma: parcerias locais. É aqui, nas parcerias locais, que o LEADER+ poderá encontrar a sua especificidade. Utilizar o LEADER+ como um instrumento para potencializar as parcerias locais é o desafio que se coloca às ADL num futuro próximo. Para tudo "o resto", existem (vários) programas e iniciativas.

Não permanecer na ignorância daquilo que existe à disposição para fazer "desenvolvimento rural", mais do que uma tarefa diária, é uma obrigação. Neste sentido, e fazendo sobressair a importância deste seminário os dois Grupos de Trabalho que o organizaram, em parceria com a Célula de Animação, mostraram-se interessados em continuar o trabalho que ali apresentaram, considerando, para já, as mais-valias dali saídas.

Convidado a encerrar os trabalhos, Luís Duarte na tripla função de gestor do LEADER+, sub-director-geral do desenvolvimento rural e em representação do Secretário de Estado do desenvolvimento Rural, deixou uma palavra de confiança. "Para além de tudo o que o LEADER+ é, estamos aqui perante outra coisa que é a capacidade que temos de construir para criar, identificar e levar a execução os projectos e programas que vão tentar resolver os problemas da questão da ruralidade. Não tenho dúvida que serão eles que vão resolver o futuro".

Paula Matos dos Santos
pmsantos@inde.pt

ACÇÃO DE FORMAÇÃO DE ALTE



Foto: João Limão



Foto: Maria do Rosário Aranha

"Foi uma sessão de formação, onde pudemos consolidar algum conhecimento que tínhamos sobre as outras organizações do grupo."

"Para mim, isto não foi uma acção de formação. A formação vai ser feita no grupo de trabalho, onde eu vou tentar que os vários especialistas e a abordagem aprofundada dos vários subtemas dêem a formação. Isto foi mais uma acção de distanciamento, um olhar reflexivo sobre a maneira como eu me posiciono e como os restantes membros do grupo se posicionam, relativamente ao local de trabalho e à profissão."

"Foi uma acção de animação. Conseguiu-se, dado os interlocutores presentes, provocar a discussão de assuntos muito importantes em termos de ADL."

"Foi uma reflexão sobre as preocupações das associações, das pessoas que trabalham na área do desenvolvimento local."

"Isto foi "o despertar" para algumas coisas que nós, futuramente, possamos vir a ter mais interesse."

Chamem-lhe o que quiserem, digam o que disserem, aconteceu. Dias 13 e 14 de Março de 2001. Alte, Serra do Caldeirão. Tão perto e tão longe de uma paisagem luxuriante, um grupo de iluminados convocou o espírito do desenvolvimento local. As atenções e a reflexão concentraram-se no próprio umbigo das chamadas associações de desenvolvimento local (ADL). É normal. É um momento charneira. Nas entrelinhas das conversas percebe-se como o vaivém de um pêndulo. Desassossego.

À volta da mesa, a IN LOCO, associação anfitriã, a VICENTINA, a ESDIME e a ROTA DO GUADIANA alimentaram um debate de ideias muito intenso e muito denso sobre o associativismo. Assim que o tema entrou para a arena, levantou uma rajada de questionamentos: "que associação é que nós próprios somos?", "como promovemos a democracia participativa dentro das nossas próprias associações?", "porquê tanta estabilidade nos órgãos directivos das ADL?", "... Porquê? Se quiserem respostas, não é aqui que as vão encontrar. Para já, é secundário. Elementar e, no entanto, convenhamos, pouco comum é surgirem, de forma insistente, este género de dúvidas.

O dia-a-dia, os formulários multiusos e os prazos recorrentes formam uma santíssima trindade que impede e, às vezes, entorpece até a reflexão. Entretanto, a máquina dos projectos continua e os devotos técnicos das associações não sacrificam nada ao tempo de execução. Mas o amanhã é incerto. Há que parar para pensar, para regressar aos princípios, aos fundamentos. Antes de procurar uma resposta é preciso descobrir a fórmula certa para a pergunta. Assim em Alte, afinaram-se pontos de interrogação e praticou-se a dúvida como método.

Em termos abstractos, conversou-se muito sobre o Ser e o Devir das associações. E onde é que se situava o Ter entre o Ser e o Devir. Na prática, o que aconteceu, quando da criação das associações, segundo Regina Lopes, coordenadora da ADICES, "foi um Ser a correr para preparar uma estratégia, para Ter de repente". No entanto, o processo não é irreversível, pois "o Ser tem vindo a acontecer, e talvez fosse necessário consolidar essa tendência". No fundo tudo gira à volta desta questão do Ser.

Funciona como ponto de partida e como ponto de chegada. Na opinião de Camilo Mortágua, "há modelos de organização interna que permitem abrir perspectivas a uma estabilização e a uma perenidade da instituição, há modelos que resistem melhor às pressões externas. A maneira de organizar as ADL tem influência no profissionalismo dos seus trabalhadores, tem influência na carreira profissional dos seus trabalhadores, tem influência no comportamento democrático dos seus trabalhadores. A maneira como está estruturada a ADL gere comportamentos específicos e esses comportamentos gerem mais ou menos credibilidade no terreno. A filosofia subjacente à própria ADL, os valores que a ADL defende, este universo interno tem repercussões no exterior".

Importa saber "se a própria associação é uma fiel praticante dos valores que defende." Noutras palavras, os discursos sobre a democracia, a participação, a co-decisão, a responsabilização, a valorização e a motivação, são consistentes, ou estamos face a uma certa inconsequência? A mesma inconsequência que põe em perigo a estabilidade interna e a credibilidade externa das organizações. Refira-se que a democraticidade interna e a valorização do trabalho voluntário foram dois dos temas que mais alimentaram o debate aceso entre os técnicos/agentes de desenvolvimento.

As preocupações aqui manifestadas consubstanciaram-se numa lista de autênticos "palavrões", resíduos da memória de uma sociedade, onde o vazio de valores não era a norma. Debaixo do chapéu de um tema estruturante, por excelência: "O funcionamento e a organização interna das ADL", aglutinaram-se então numa série de subtemas: democraticidade interna, metodologias de participação, formação interna, motivações e expectativas, trabalho voluntário e coerência entre o projecto associativo e o plano de desenvolvimento. Estes conceitos soltos constituem a matéria bruta que o Grupo de Trabalho de Alte irá, progressivamente, esmiuçar para, mais tarde, no quadro de um seminário, serem restituídos na íntegra ao conjunto das associações.

Maria do Rosário Aranha
maranha@inde.pt



Foto: Terras de Sicó

COMUNICAÇÃO E IMAGEM EM SEMINÁRIO

8, 9, 10 de Maio

A Comunicação e a Imagem foram preocupação patente em dois Grupos de Proximidade da Célula de Animação. No Entre Douro e Minho, as associações ADER-SOUSA, ADRIMAG, DOLMEN e PROBASTO reflectiram, por ocasião da sua acção de formação, no papel da comunicação social como instrumento de animação das populações e de potenciação da sua intervenção. A comunicação interna, ao nível da estrutura associativa e da dinamização das parcerias, bem como a comunicação externa, virada para o grande público e como grande potenciadora da actividade económica local foram questões presentes em toda a reflexão.

Por outro lado, na Beira Litoral, cinco associações - a ADAE, a ADIBER, a DUECEIRA, a PINHAL MAIOR e a TERRAS DE SICÓ - envolveram na sua acção de formação a Imagem dos territórios e das ADL como instrumento de animação para o desenvolvimento local.

Como os dois temas revelam aspectos francamente complementares - a imagem é essencial à comunicação e a comunicação enquadra e potencia a imagem transmitida - foi decidida a fusão dos dois temas na construção de um novo seminário.

"Imagem e Comunicação como Instrumentos de animação para o desenvolvimento local" será o tema do Seminário que irá ter lugar em Miranda do Corvo, no território da Dueceira, nos próximos dias 8, 9 e 10 de Maio. Por decisão das ADL organizadoras pretende-se realizar um Seminário muito prático, onde os participantes possam con-

frontar algumas questões técnicas ligadas à comunicação e à imagem.

Basicamente, o Seminário será estruturado em três momentos. Um primeiro momento, que decorrerá na manhã de abertura, servirá para fazer um enquadramento teórico do tema e para o lançamento dos desafios de trabalho para o Seminário. Questões como a comunicação interna e externa nas associações, a imagem das ADL e dos seus territórios, as questões éticas e de qualidade que se prendem com a imagem serão colocadas à reflexão dos participantes, sempre com uma referência à prática existente no interior das ADL LEADER. Para além deste enquadramento teórico pretende-se que os participantes possam definir, individualmente, o seu desafio pessoal e profissional face aos temas de comunicação e de imagem.

Um segundo momento, em trabalho de grupo, permitirá aos participantes frequentarem e praticarem quatro ateliers temáticos. Um primeiro atelier abordará as questões da informação (levantamento, gestão e difusão de informação) tendo como aspectos práticos alguns suportes ligados à informação escrita. Um atelier de comunicação interpessoal terá em linha de conta a comunicação oral, de grande tradição no mundo rural e cujas potencialidades estão longe de estar esgotadas no mundo de hoje. Comunicação bidimensional e comunicação multidimensional são os restantes ateliers, que permitirão um confronto prático com suportes bi e multidimensionais da imagem, desde o simples cartaz ao multimédia e à Internet.

Após a frequência destes quatro ateliers, os participantes no Seminário procurarão adequar as

perspectivas detectadas ao seu próprio desafio inicial, lançando as pistas para a construção de uma estratégia de comunicação e de imagem a introduzir na sua intervenção dentro da ADL ou a transferir para a própria ADL.

Um processo de descoberta que se pretende constituir como ponto de partida de uma reflexão que envolva técnicos e ADL, num momento importante em que se equaciona a sua prática para o período até 2006.

Tratando-se de um Seminário sobre Comunicação e Imagem, não será de estranhar que estas componentes estejam presentes em todas as actividades do Seminário. A recepção, ao fim da tarde do dia 8 marcará o tom, decorrendo nessa noite um Serão de Troca de Sabores, uma pequena surpresa que mais não pretende do que motivar todos os participantes a comparecerem de véspera e permitir o início dos trabalhos ao começo da manhã do dia 9.

A noite do dia 9 incluirá uma sessão de cinema sobre o mundo rural, disponível também para a população local. Em colaboração com a Biblioteca Municipal de Miranda do Corvo, algumas actividades complementares estarão disponíveis.

O aspecto essencialmente prático deste Seminário e as condicionantes logísticas da zona do país em que se vai realizar implicam uma limitação de participantes. 50 é o número máximo admitido. Um número aconchegado que fomentará a proximidade. Essencial no desenvolvimento local.

F.B.

O desenvolvimento pode ser um retrato enquadrado na objectiva dos Agentes de Desenvolvimento Locais .

Anabela Silva - Adrat

Como seleccionar um conjunto de temas para fotografar, . . . que caminho percorrer, para "contar" em imagens o que nós somos ?! . . . Como fazer síntese?

Ficamos sensibilizados para uma realidade que apesar de não nos ser desconhecida nunca tínhamos olhado assim, numa tarefa de apreender a reter, com maior sensibilidade e técnica, as imagens da nossa terra.

Manuel Castanheira Pinto, Margarida Duque Dias, Rui Calvo - Desteque

Bom... e da acção de formação ...de recolha e registo fotográfico destes sítios e lugares a que um dia um mestre das letras chamou de reino Maravilhoso, é o que se me ocorre dizer; para mais não me dá o engenho e a arte.

Leonel Vaz - Corane

precisa-se

de conhecer a realidade visual do seu território para dar mais cor a esta(s) página(s).

oferece-se

conhecimento e organização para construir a memória da sua terra, para que o seu local seja entendido como universal... através das imagens...que valem mais do que um milhão de palavras.

como fazer?

para que o desejo passe a realidade contacte a CAL, para organizar uma oficina dos "sítios e pessoas" na sua zona de intervenção.

OVIBEJA

Todo o Alentejo deste Mundo



Foto: Paula Santos

Decorreu de 17 a 25 de Março mais uma Ovibeja. Este ano, a Feira do Alentejo, como também já é conhecida, ficou marcada pelas medidas restritivas à circulação de gado devido ao surto de febre aftosa. Pela primeira vez, em 18 anos, não existiram exposições de gado e até os cavalos e as corridas de toiros foram proibidas na Ovibeja. Não obstante, a Feira alcançou ou superou mesmo, segundo a Organização, o sucesso verificado em edições anteriores. Nove dias cheios de animação e milhares de visitantes. Um programa cheio e, claro, os restaurantes e as "famosas" tasquinhas de petiscos cativaram gente um pouco de todo o lado. Mais do que uma feira, a Ovibeja é uma festa, um ponto de encontro de "todo o Alentejo deste mundo".

Como já vem sendo hábito, as associações de desenvolvimento local do Alentejo marcaram presença na Ovibeja 2001. Uma vez mais, a Esdime, Rota do Guadiana, Terras Dentro e Agrupamento Monte protagonizaram o espaço dedicado ao desenvolvimento local no pavilhão central do parque de feiras e exposições de Beja. Para além de exporem os seus projectos, as associações animaram o espaço com diversas actividades e espectáculos ao longo dos nove dias da feira. A pensar sobretudo nas crianças, a Esdime levou a sua Ludoteca Itinerante e a Terras Dentro o Teatro de Marionetas "Era uma vez..." e ainda Mad Science – atelier de ciência viva. Momentos que animaram os mais pequenos e não só...

O Dia do Desenvolvimento Rural – dia 23 de Março – foi marcado pelo colóquio "O mundo rural e a comunicação social nacional" (ver caixa) e, para assinalar o dia "entre amigos", as associações organizaram, à tarde, no espaço do desenvolvimento rural, uma merenda. Composta pelas mais finas iguarias (todas ao nível do melhor Serpa), a merenda foi confeccionada "ao vivo" por um grupo de formandas do Curso de Cozinha Regional e Internacional promovido pela Rota do Guadiana, no âmbito dos programas PIPPLEA e Pediza, em articulação com o projecto Veredas, pondo à prova os conhecimentos e as técnicas adquiridas ao longo das mais de 1000 horas de formação que já receberam ao abrigo deste projecto, ainda em curso. Não podiam as associações ter escolhido melhor forma de comemorar o Dia do desenvolvimento Rural...

Paula Matos dos Santos
pmsantos@inde.pt

Colóquio



Foto: Paula Santos

O mundo rural terá voz se se fizer ouvir. Esta é a conclusão saída do colóquio "O mundo rural e a comunicação social nacional" organizado, dia 23 de Março – Dia do Desenvolvimento Rural – pelas associações de desenvolvimento local Esdime, Rota do Guadiana, Terras Dentro e Agrupamento Monte, na Ovibeja.

"A comunicação social é uma indústria", foi o mote da comunicação de José Manuel Candeias, sociólogo, que introduziu o tema lançando pistas de reflexão e discussão para o debate. Numa breve intervenção, com algumas notas de humor pelo meio, José Manuel Candeias, frisou que "os órgãos de comunicação social são empresas que movimentam milhões", e que conciliar os interesses económicos com o dever de informar e o direito dos cidadãos à informação, não é, na sua opinião, possível. O orador convidado a abrir o debate referiu ainda o poder dos jornalistas – "uma classe poderosa, temida mas também desacreditada" – e, entrando mais no tema, alertou para o pouco espaço que o mundo rural tem nas páginas dos jornais e nos noticiários das rádios e televisões. "A ideia que existe que o mundo rural está a extinguir-se, e que, talvez, seja uma consequência inevitável do desenvolvimento" é, na sua opinião, uma ideia a acabar pois acredita que "a informação correcta do mundo rural também vende; não é preciso que caiam pontes". Uma tarefa que cabe a todos, mas com destaque para as associações de desenvolvimento local.

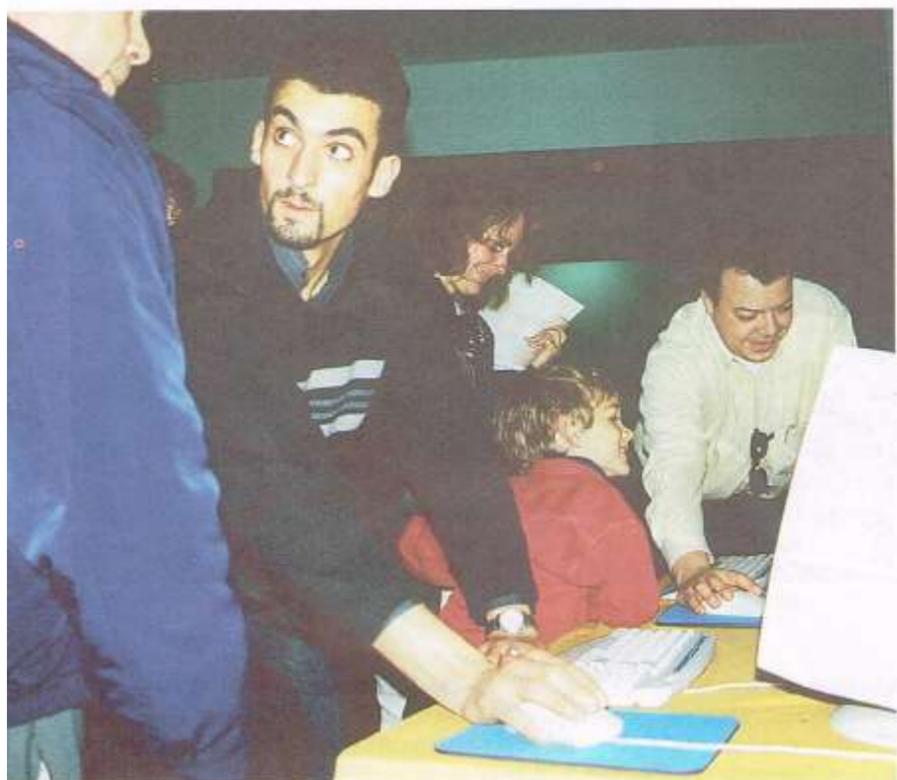
Convidados para o debate, Carlos Dias, do Público, Rui Dias José, da RDP – Antena 1 e António Luís Rafael, da RTP, mostraram-se menos pessimistas quanto ao futuro mas não deixaram de reconhecer as "faltas jornalísticas" derivadas da pressão concorrencial do mercado, falta de independência, espectacularização e violação da liberdade individual. Carlos Dias concorda que os jornalistas estão sujeitos a pressões "mas são mais pressões de fora da empresa (jornalística)". Já o jornalista da RDP discordou quanto ao poder da classe. "Os jornalistas não são poderosos. Eu não tenho poder nenhum. Quem controla os satélites é que tem o poder". Carlos Dias José vê ainda com apreensão a dispensa e a redução do espaço do jornalista a favor do "animador" ou "divertidor", à medida que os "media" evoluem para uma dimensão lúdica e comercial.

António Luís Rafael sublinhou um aspecto que já o jornalista da RDP tinha referido: cabe ao mundo rural dizer ao mundo urbano que existe. Há nove anos à frente da RTP Alentejo, o jornalista evidenciou os esforços da equipa em "arranjar" notícias mas, mesmo assim, "os órgãos de comunicação social têm feito alguma coisa pelo mundo rural" e "claro que se pode fazer mais".

Para encerrar os trabalhos, não obstante as intervenções da assistência do auditório do NERBE (Núcleo Empresarial da Região de Beja), que tardaram mas chegaram, o moderador do debate, Joaquim Pulga, coordenador do GAL da Terras Dentro, passou a palavra ao presidente da mesa. Em representação do Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural, Manuel Rosa sublinhou o papel, fundamental, das associações de desenvolvimento local na criação de mecanismos de difusão adequados à informação do mundo rural, lembrando a existência de instrumentos financeiros para isso.

Paula Matos dos Santos
pmsantos@inde.pt

"Estou em www.artesanatorede.com", é o que podem dizer 113 artesãos (106 portugueses e sete espanhóis) desde o passado dia 15 de Março. O dia escolhido pelas associações de desenvolvimento local promotoras do projecto a nível nacional – Adices e Dueceira – para o lançamento oficial do site na Internet. Ainda durante este mês, ou no próximo, será a vez do parceiro espanhol - Montañas del Teleno.



Fotos: P. M. Santos

www.artesanatorede.com

Curiosos e muito orgulhosos, os artesãos, os convidados de honra, compareceram quase todos à apresentação do projecto nas respectivas associações e territórios. De manhã, na sede da Adices em Santa Comba Dão e, à tarde, em Vila Nova de Poiares, concelho da zona de intervenção da Dueceira. Não foi ali, certamente, que os artesãos ouviram falar do projecto pela primeira vez, mas terá sido a primeira que viram o seu nome surgir no monitor de um computador através de um simples clique. Um momento de extrema satisfação para os artesãos e para as associações promotoras do projecto ao alcançarem esta primeira meta de uma corrida que começou há mais de dois anos na Dueceira.

A ideia de colocar os artesãos em rede, divulgando o artesanato como forma de promoção de toda a zona de intervenção, começou a ser trabalhada em 1998 naquela associação. Daí a transformar-se num projecto de cooperação nacional e transnacional foi um "pequeno-grande" passo. Pela proximidade territorial, conhecimento da entidade e do trabalho por ela já desenvolvido no sector, chegaram à Adices; também pela proximidade, idioma, e outras semelhanças territoriais, chegaram à associação espanhola Montañas del Teleno (Provincia de León), que se encontrava na altura a trabalhar num guia de artesanato da sua zona de intervenção.

Em Março de 1999, as três entidades firmaram entre si uma carta de intenção de parceria com vista à operacionalização do projecto e apresentaram a candidatura ao Observatório Europeu LEADER. Em Junho do mesmo ano chegou a aprovação e em Setembro começaram a trabalhar. A partir daí, cada uma foi avançando ao seu ritmo.

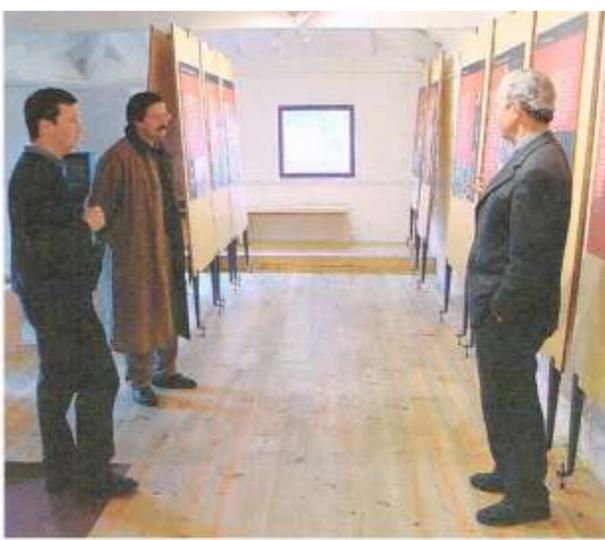
O projecto "Artesanato em Rede" obedece a um figurino comum mas existem diferenças que deixam adivinhar que houve alguma liberdade nos critérios e forma de apresentação da informação no site. A página de abertura não oferece qualquer resistência mas ao segundo clique o cibernauta sentirá essa liberdade, principalmente entre as páginas da Adices e da Dueceira e a página da Montañas del Teleno.

Em www.artesanatorede.com, para além de ficar a conhecer o artesanato que existe nas zonas de intervenção das associações Adices, Dueceira e Montañas del Teleno, o visitante também pode saber quem o faz. A lista dos artesãos, agregada à respectiva actividade, permite chegar ao nome, morada e telefone e, nalguns casos, a um pequeno curriculum do artesão. Uma forma de tirar do anonimato os artesãos, uma forma de dar a descobrir os rostos dos "dignos representantes de todo um património local que urge preservar". Num futuro próximo, será ainda possível deixar

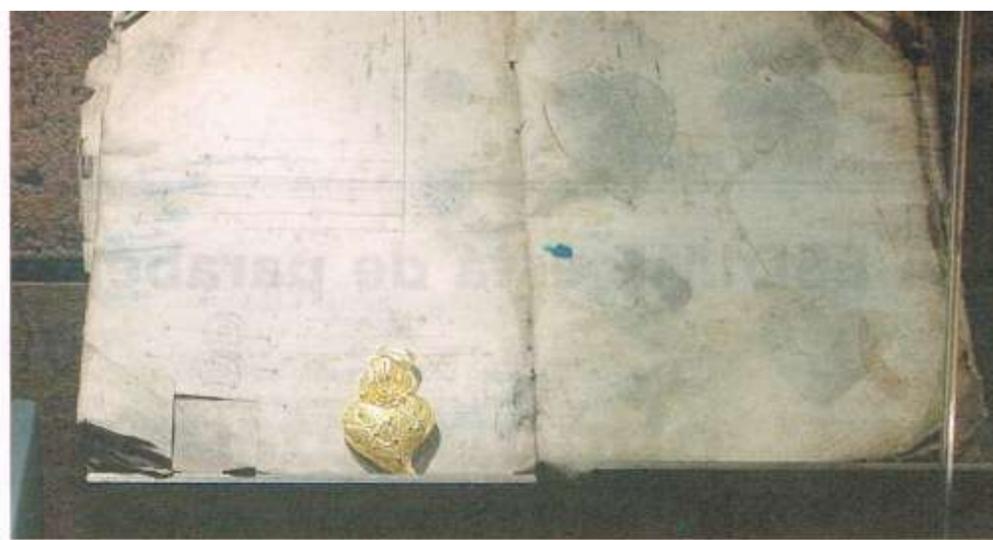
uma nota de encomenda. A comercialização não foi, para já, abrangida no projecto, mas as três associações acreditam que mais tarde ou mais cedo isso venha a acontecer. As dificuldades com que os artesãos se debatem para sobreviver são conhecidas, por isso este projecto também visa contribuir para uma melhoria das suas condições de vida.

No dia da apresentação do site, para além de proporcionar a todos os convidados um momento de convívio, oferecendo-lhes um lanche tão agradável à vista como ao paladar, as promotoras da iniciativa deram ainda a oportunidade aos artesãos de descobrirem pelas suas próprias mãos, ou com ajuda, o seu cantinho no site. Mesmo sem perceber muito bem o que significa "on line", "estar na rede", etc., os artesãos não se coibiram de fazer perguntas, comentários e até deixaram algumas sugestões como, por exemplo, a introdução de ligações às entidades do sector. Uma sugestão que as associações prometeram analisar até porque, como fizeram questão de referir, este projecto não acaba aqui. As páginas do site estarão sempre abertas à entrada de mais artesãos e novas actividades. Assim o desejem...

Paula Matos dos Santos
pmsantos@inde.pt



Fotos: F. Botelho



Recordamos muitas vezes a ostentação do traje da mulher minhota, nas suas cores fortes e garridas. Temos todos na imaginação o traje da mordoma, solene e rico. Passamos os olhos pela noiva, vestida de negro. Em todos nos salta aos olhos o adereço de ouro ondulando ao peito, as arrecadas de filigrana enfeitando as orelhas. O ouro reluz sobre o negro do tecido ou sobre os vermelhos do traje. Umavez discreto, outras de forma exuberante.

O ouro, no mundo rural, está afecto à mulher e constituiu, até há bem pouco tempo, uma das formas mais usuais e seguras de aforro da família rural. E se hoje o identificamos com o traje da mulher minhota e lhe chamamos o "ouro de Viana", é justo que se saiba que a sua origem está, desde há séculos, na Póvoa de Lanhoso, mais concretamente na freguesia de Travassos. É de lá, aliás, que foi irradiando a arte do fio de ouro, para outras paragens como Gondomar e Guimarães.

Hoje, com a rápida e drástica evolução dos nossos dias, quase todas as cadeias do saber tradicional foram rompidas. Subsistem em Travassos umas três dezenas de oficinas artesanais mas a actividade defronta um problema sério - o da mão de obra. E a filigrana, mais do que ouro, é essencialmente mão de obra. O padrão cultural moderno não se compadece com a minúcia e a persistência de um prolongado trabalho manual. O ritmo de vida não admite a espera de anos de prática para atingir a perfeição da filigrana. O problema da formação dos novos artistas é, hoje em dia, o maior desafio que se coloca à produção do ouro em Travassos.

A preservação de uma memória

É neste contexto que surge em Travassos o "Museu do Ouro". Fruto desta preocupação séria de, num momento de viragem significativo na actividade, guardar a memória das técnicas, das vivências, do saber-fazer. E o "Museu do Ouro" é um excelente ponto de partida para a descoberta da filigrana e da sua envolvimento rural.

Instalado num espaço ligado tradicionalmente à actividade do ouro, a sua recuperação permitiu uma unidade museográfica moderna e muito bem dimensionada, onde a percepção do trabalho tradicional do ouro decorre de uma forma fácil e envolvente. Uma meticolosa reconstrução de uma oficina, com todos os utensílios utilizados no fabrico da filigrana enquadra a arte do ouro. Uma "sala do tesouro" expõe, de uma forma extremamente agradável, uma colecção de peças de ouro que percorrem séculos e se devem ao laborioso trabalho de colecionismo de uma das "almas" do Museu. Numa sala de exposições que permite igualmente a fruição de audiovisuais, encontra-se patente uma exposição sobre a arte do ouro, elaborada pelo CRAT do Porto.

Um grande profissionalismo rodeia toda a apresentação do Museu evidenciando preocupações evidentes de um projecto cultural muito pensado e vivido.

O Museu do Ouro

Freguesia rural encostada ao Ave, Travassos mantém a imagem do verde minhoto dos prados de lima, das ramadas, dos campos de milho. Na povoação, as casas amontoam-se, envolvendo as dependências agrícolas habituais nos povoados rurais. Como nota de diferença, as fachadas rasgadas por amplas janelas, viradas a sul, quais varandas envidraçadas. A um observador mais atento poderá causar estranheza este pormenor arquitectónico. Se indagar, verá que por trás das janelas, se desdobram as oficinas do "ouro". E o ouro, em Travassos, é essencialmente de filigrana. É ali que se estica o fio de ouro, à força de tracção, até ele permitir a construção das minúcias de rendilhados que nos deslumbram os olhos. Trabalho de minúcia, que exige muita luz. Daí as janelas rasgadas que permitiam o aproveitamento de toda a claridade do sol. Fora disso, só as lamparinas de petróleo, com grossos pavios, permitiam prolongar as horas de labor. Num esforço, junto à chama, os artistas ultimavam as peças. Dando jiz ao nome por que, maledicentemente, eram chamados - de "narizes negros" - nas tricas dos namoros juvenis.

Apesar da importância e da dimensão da indústria do ouro em Travassos, a actividade principal da população foi sempre a agricultura. A família desdobrava a sua actividade em volta da oficina e dos campos. Enquanto dezenas de oficinas laboravam, alguns dedicavam-se igualmente à comercialização do ouro, levando-o pelas feiras e romarias do Minho ou até às lojas de ourives das cidades até ao Porto. E as oficinas iam recolhendo os jovens aprendizes que, num lento processo de aprendizagem, se convertiam nos futuros mestres, garantindo a perpetuação de uma tradição de séculos.

O Museu do Ouro é um daqueles espaços a que se adere imediatamente e passa a ser, sem qualquer dúvida, uma referência local, regional e nacional. Até porque não está terminado. Outros sonhos crescem lá, como o de criar uma zona para a comercialização dos trabalhos dos artífices de Travassos, o lançamento de actividades de formação, a disponibilização de um Centro de Documentação sobre o Ouro.

Um conjunto de circunstâncias felizes.

Quando olhamos, um pouco surpresos, para uma iniciativa como esta do Museu do Ouro, perguntamos muitas vezes "como foi isto possível?" E, no caso do Museu do Ouro, muitas circunstâncias o tornaram possível. Em primeiro lugar os promotores. Francisco Sousa, antigo artesão do ouro, comerciante de filigrana, tem a arte entranhada no corpo desde sempre. A sua curiosidade intelectual fê-lo manter, ao longo de uma vida, uma rica colecção de peças e de utensílios que agora ganhou corpo na exposição. Na família encontrou o enquadramento técnico e profissional para a definição do projecto do museu - não é por acaso que um filho é arquitecto paisagista e uma nora técnica em museologia.

O enquadramento institucional para o projecto foi a família encontrá-lo numa associação gestora do Programa LEADER, a ATAHCA, cujo Plano de Acção Local privilegiava a recuperação do património e o reforço da identidade cultural. Que apoiou o projecto ciente do seu impacto na preservação de uma tecnologia tradicional, na diversificação das actividades da freguesia de Travassos e no desenvolvimento turístico de um concelho como a Póvoa de Lanhoso.

Um conjunto de circunstâncias felizes. Mas que, no meu ponto de vista, não justificam tudo. Nada disto seria possível sem o "sonho" que a gente vê transparecer dos olhos e dos gestos dos seus mentores. No Museu do Ouro respira-se a "alma" de uma família. Talvez a "alma" de muitas famílias, perdidas no decurso dos séculos de uma tradição.

Francisco Botelho
frbotelho@inde.pt

A ESDIME está de parabéns!

Para celebrar o seu décimo segundo aniversário, a ESDIME - Agência para o Desenvolvimento Local no Sudoeste Alentejano - de Messejana - Aljustrel, tem vindo a organizar uma série de actos públicos destinados a proporcionar oportunidades de debate e divulgação sobre o Desenvolvimento Local.

A edição de um novo livro sob o título de - DESENVOLVER (des)ENVOLVENDO motivou a organização de uma Mesa Redonda ou Colóquio Debate, abertos ao público,

levado a efeito no passado dia 21 de Março na Casa da Cultura de Beja.

Na ocasião, os participantes tiveram a oportunidade de adquirir o dito livro e escutar intervenções sobre os méritos do mesmo, nomeadamente pelos

senhores João Ferrão, Geógrafo e investigador do Instituto de Ciências Sociais, membro do Conselho Consultivo da animar e Rui d'Espiney, sociólogo e Director Executivo do Instituto das Comunidades Educativas de Setúbal.

Tendo por moderador o Prof. Alberto Melo, compunham a "rectangular" mesa, para além das já citadas, as seguintes personalidades: Dr. Joaquim Amado, Presidente da Associação Ideia Alentejo; a representante da Direcção Geral do Desenvolvimento Regional; o Engenheiro Quaresma, em representação do Presidente da Câmara Municipal de Beja e José Carlos Albino, Presidente da Direcção da ESDIME.

Com uma assistência de cerca de cem pessoas em 'anfiteatro redondo', o debate foi vivo e interessante, algo polémico por momentos, centrando-se em

questões abordadas no livro ali apresentado, revelando uma vez mais a necessidade da multiplicação destas oportunidades, para que o Desenvolvimento Local continue a afirmar-se, ganhe maior visibilidade e possa ser melhor compreendido na sua diversidade.

O momento foi igualmente aproveitado para chamar a atenção sobre a realização da próxima MANIFESTA que decorrerá de 27 a 30 de Abril, em Tavira.

C.M.

Assembleia Geral da animar

Realizou-se no passado 24, em Lisboa, nas instalações da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, a A.G. da animar - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local, destinada à discussão e aprovação dos relatórios de actividades e das contas relativas ao ano transacto, assim como do plano de actividades e orçamento para o exercício de 2001.

Com cerca de 20 associados presentes, os relatórios, contas, planos e orçamentos foram aprovados

por unanimidade, com algumas sugestões de complementaridade aos textos apresentados.

Num ambiente apreensivo em relação à melhoria dos fluxos financeiros que permitam, pelo menos, suportar um mínimo de profissionalização a nível do núcleo central da Rede, o momento foi igualmente aproveitado para um saudável convívio durante o qual surgiram sugestões destinadas a ultrapassar as persistentes dificuldades financeiras da Associação.

Tendo em consideração a escassez de meios disponíveis, a A.G. congratulou-se com o trabalho desenvolvido pela Direcção e restantes órgãos sociais e colaboradores.

C.M.

A Manifesta está publicamente lançada!

Na presença de uma centena de pessoas e alguns (poucos) representantes da comunicação social, em clima de bastante animação e festa, foi pública e oficialmente lançada a MANIFESTA de 2001 a realizar-se de 27 a 30 de Abril em Tavira.

O acto decorreu no passado dia 24 entre as 16 e as 19 horas na sede da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, em Lisboa.

Na presença do Presidente da Câmara Municipal de Tavira Eng. Macário Correia e do Vice - Presidente da Comissão Regional de Coordenação do Algarve, Eng. Miguel Freitas, entre outras personalidades, o Professor Alberto Melo em nome da animar e a Inloco na condição de entidade organizadora local apresentaram os traços gerais do que será o Programa da Manifesta.

Pelo que nos foi dado perceber, e pela primeira vez, a 'manifesta' abraçará o conceito multi - espacial para a

localização dos diferentes sectores que compõem: a IV Assembleia e Feira do Desenvolvimento Local.

A Assembleia, a Feira, a Festa, acontecerão em muitos espaços da bonita cidade, emolduradas pelos seus inúmeros e recatados enquadramentos paisagísticos, evidenciados por uma luminosidade impar.

C.M.

"Uma sociedade unida, não é sociedade sem diferenças, é sociedade sem fronteiras internas"....

A ESDIME desde 1997 que acolhe jovens voluntários europeus no âmbito do programa Serviço Voluntário Europeu. Assim, de Outubro de 1997 a Agosto de 1998 recebemos o jovem Sandro Rocca de Roma (Itália), de Setembro de 1998 a Agosto de 1999 a jovem Henriette Schwarz de Kiel (Alemanha) e de Setembro de 1999 a Agosto de 2000 a jovem Natália Tost de Reus (Espanha). Neste momento, recebemos desde Setembro de 2000 a jovem Gunn Matland de Karmoy (Noruega) e desde Fevereiro de 2001 a jovem Aurélie Brossard de Poitiers (França).

A participação destes jovens, para além de lhes proporcionar um projecto de desenvolvimento pessoal, tem-se revelado de grande impacto nos projectos desenvolvidos pela ESDIME na região, destacando-se o trabalho desenvolvido junto de grupos de jovens informais nas freguesias rurais, a organização de actividades e intercâmbios com jovens de

outras regiões e países, e a promoção de actividades interculturais no âmbito de escolas do ensino básico e ATL.

Por outro lado, é de destacar igualmente o trabalho de sensibilização ao voluntariado realizado junto de jovens em freguesias rurais e nas Escolas EB2,3 e Secundárias dos concelhos de Aljustrel, Almodôvar, Castro Verde, Ferreira do Alentejo e Ourique, com o objectivo de promover a participação dos jovens da nossa região.

Em 1998, de Fevereiro a Agosto, enviámos Marco Guerreiro para Mondglia (Itália) e recebemos jovens franceses da Borgonha num intercâmbio juvenil. Em 1999, enviámos jovens da região para a Borgonha e levámos Gabriel Amaro do Lombador a um seminário SVE em Stuttgart (Alemanha). Em 2000, levámos Luís Santos de Rio de Moinhos ao seminário de preparação da rede Step by Step em

Bruxelas (Bélgica), cuja metodologia tem por principal objectivo proporcionar o acesso ao voluntariado de jovens desfavorecidos. Sabemos que é um processo lento, de persistente paciência, de "dar tempo ao tempo", até que os jovens possam integrar e partilhar uma cultura de participação internacional. Neste momento, estamos a preparar o envio de dois a quatro jovens da região.

É neste sentido, e sendo 2001 proclamado pela ONU o Ano Internacional dos Voluntários, que lançamos uma folha informativa via email intitulada "VOLUNTØR", com o objectivo de divulgar as acções a realizar no âmbito desta temática e, sobretudo, incentivar um maior diálogo e discussão em torno desta problemática.

António Alberto Alves
(Coordenador da Área Jovens / Educação)
Aurélie Brossard / Gunn Matland (SVE)

Recuperação dos Moinhos de Vento de Entrevinhas

A Câmara Municipal de Sardoal e a Junta de Freguesia de Sardoal estão a levar a cabo um projecto de reabilitação dos moinhos de vento de Entrevinhas, com financiamento no âmbito do Programa de Iniciativa Comunitária LEADER II.

O principal objectivo deste projecto é a recuperação total de dois dos quatro moinhos de vento existentes no alto de Entrevinhas, com a criação de uma zona de lazer através do arranjo paisagístico da área envolvente, aproveitando-se os outros dois moinhos para a instalação de algum equipamento de apoio. As obras destinam-se a rentabilizar a função dos moinhos, enquanto instrumentos de divulgação turística, cultural e pedagógica.

O projecto técnico foi elaborado pelo GAT de Abrantes e o respectivo orçamento ascende a 29 mil contos, sendo financiado pelo Programa de Iniciativa Comunitária LEADER II, com uma taxa de comparticipação de 55%, no âmbito da TAGUS – Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Interior (Projecto 1.5.2.38.9).

Numa segunda fase pretende-se criar um circuito turístico e pedagógico, em torno do que podemos chamar a "Rota do Pão", que incluirá, também, as azenhas ainda em funcionamento que podem ser facilmente recuperadas, na Ribeira das Sarnadas (Vale de Cabril e Porto de Mação). Esta "Rota do Pão", complementar-se-á com um projecto, também com financiamento no âmbito do Programa de Iniciativa Comunitária LEADER II, desenvolvido pela Cooperativa "ARTELINHO", uma cooperativa de mulheres com sede em Santa Clara (Alcaravela), que visa a produção e comercialização de pão e de outros produtos gastronómicos locais, por processos tradicionais.

Luís Manuel Gonçalves

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sardoal



Foto: C. M. Sardoal

"Imagens do Desenvolvimento Local no Feminino"

No âmbito da Iniciativa Comunitária Emprego/Adapt, Eixo NOW II, a ADICES, promoveu o projecto "Imagens do Desenvolvimento Local no Feminino" com o intuito de apoiar mulheres desempregadas de longa duração, portadoras de ideias/projectos de trabalho/emprego, dando-lhes formação de base para a criação, gestão e desenvolvimento das suas próprias empresas.

O projecto consistia em identificar "mulheres potenciais empresárias" entre a população feminina desempregada e, para tal, a ADICES concebeu um modelo de auditoria no terreno (a que deu o nome de "Eu e a minha terra") e que permitiu detectar esse público-alvo.

Estas 12 mulheres foram seleccionadas tendo em conta os projectos/soluções considerados mais pertinentes como resposta à pergunta da auditoria: "O que é que EU POSSO FAZER para conseguir, totalmente ou em parte, aquilo que gostaria?".

À semelhança de outras zonas do país, também na área geográfica de intervenção da ADICES, o desemprego atinge sobretudo a população feminina. A nossa ideia, ao detectar mulheres portadoras de ideias/projectos, era que estas criassem o seu próprio emprego e outros, eventualmente, por dinâmica dos investimentos entretanto realizados. Um dos nossos objectivos era claramente reforçar o nível de empregabilidade das mulheres mas, paralelamente, pretendíamos a elevação do nível de auto-estima e das capacidades que permitisse, às mulheres, uma integração mais forte na comunidade a que pertencem.

O projecto assentou num conjunto de parcerias nacionais (ADICES e FORPESCAS) e transnacionais (CRESM na Sicília-Itália), com detentores do mesmo tipo de projecto, com as quais foram estabelecidos contactos para troca de experiências. Dessa troca de experiências, surgiu o manual " Percursos Alternativos- Valorização do papel das mulheres na criação de pequenas empresas em sectores desfavorecidos" que apresenta os diferentes projectos e as diferentes metodologias de trabalho das entidades envolvidas.

ADICES



Foto: ADICES

Animadoras locais: um discurso directo

Entrevistas conduzidas por Maria do Rosário Aranha [maranha@inde.pt]



Luísa Monteiro | Boliqeime

Trabalho, há cerca de dois anos e meio, como animadora na In Loco. Resido na zona onde trabalho. Boliqeime não é uma zona LEADER. A In Loco trabalha, há muito menos tempo, em Boliqeime. Tem uma intervenção totalmente diferente da que tem vindo a ter noutras freguesias da Serra, onde já trabalha há cerca de dez anos. O nosso trabalho foi pedido pela Câmara Municipal e é inteiramente pago por ela. Vimos isto como o reconhecimento do trabalho que a In Loco tem vindo a desenvolver na Serra.

Como é que se pratica o desenvolvimento local?

É aproveitar e/ou potencializar aquilo que já existe na freguesia. É também articular coisas que, às vezes, estão disponíveis e de que as pessoas não se lembram. Por exemplo, no início do meu trabalho, veio ter comigo uma artesã da zona que queria ter um sítio para vender e expor os seus produtos. Na altura, a Junta tinha uma espécie de museu-armazém de objectos antigos atulhados, que estava fechado, porque não tinha ninguém para receber os visitantes.

Manuel Coelho | São Marcos da Serra e Concelho de Silves

Sou natural e residente da freguesia de São Marcos da Serra. Sou secretário da Junta de Freguesia e tesoureiro de um clube, há dez anos. Na minha freguesia, a população está muito envelhecida e é muito difícil mudar as mentalidades. Nas associações, há trabalho voluntário, mas são sempre as mesmas pessoas que fazem tudo. As pessoas têm a vida delas não querem aborrecimentos com coisas que são de todos.

Como é que se pratica o desenvolvimento local?

A minha freguesia é muito pequena, todas as pessoas se conhecem, todas as associações estão politizadas. Há cinco ou seis anos atrás, nem se pensava pôr as pessoas todas à mesma mesa. Graças à Associação In Loco foi possível. O mais importante é as pessoas começarem a andar todas no mesmo sentido e lutarem pelo desenvolvimento da sua terra, independentemente, de serem do partido A ou B.

Elsa Gonçalves | Sta. Catarina e Cachopo

Trabalho na In Loco, desde o LEADER I. Fui convidada pelo presidente da Junta de Sta. Catarina, freguesia de onde eu sou natural. Na altura, foi como um balde de água fria, porque não percebia nada de desenvolvimento local. Demorou muito tempo até encarrilhar e eu começar a compreender.

Como é que se pratica o desenvolvimento local?

Reúnem-se uma série de factores, que vão ao encontro das necessidades das pessoas, fazendo com que elas estejam bem, com que elas gostem de estar onde estão e criam-se condições para elas permanecerem nos seus locais.



Sónia Graça | Alte, Benafim e Salir

Sou natural de Alte. Trabalho na In Loco, desde Dezembro de 96. Sempre estive um pouco ligada às actividades que a In Loco desenvolvia, a nível da freguesia: a minha mãe frequentou um curso de formação, dado pela In Loco e estudei na escola profissional, em que a In Loco era promotora.

Como é que se pratica o desenvolvimento local?

Para já temos que ter uma confiança com as pessoas e que essa confiança seja recíproca, porque nem sempre é fácil trabalhar com elas. Umhas pensam de uma maneira, outras pensam de outra. Em termos de associações também é complicado. Para se poder agir, tem que se saber se é uma necessidade e então daí, depois partir para o concreto. No ALICE (Acções Locais Integradas para a Criação de Emprego) fizemos um levantamento das necessidades não satisfeitas e foram focados alguns aspectos. Em Alte uma das grandes necessidades era o apoio domiciliário. Os jovens também não são apoiados, não têm infra-estruturas de apoio, às quais eles possam recorrer. Daí eles também acabarem por sair, porque não há nada que os fixe. É pena. Uma das lutas, se calhar, é fazer com que haja alterações no PDM para que se possa construir. Mas isso não parte de nós, mas sim do poder superior.

O que é que te leva a ficar na animação local?

Neste momento estou a fazer um trabalho que eu gosto e que me dá prazer. Já tive propostas para sair, estive mesmo com o pé atrás, mas acabei por rejeitar e continuar. Nós, às vezes, procuramos uma segurança que aqui não temos. Se um dia deixar isto, vou ficar a perder porque tenho aprendido bastante. O pouco que nós damos não se vê a curto prazo, mas sim a longo prazo. Nós damos apoio a um projecto e é bom ver as pessoas dizerem "é bom ter um projecto, é graças à In Loco", isso valoriza-nos. É bom ver pessoas que fazem artesanato, que não eram conhecidas, terem oportunidade de ir a uma Feira da Serra. São coisas pequeninas mas que, para nós, têm muito valor.



Margarida Correia | Querença, Tôr e Salir

Sou natural de Querença, nascida e criada lá. Estou ligada, desde muito jovem, a todas as associações que existem na minha terra. Antes de entrar para a In Loco (1992), já era uma animadora, porque fazia parte das associações e trabalhava muito a nível local. Na altura, foi pedida uma opinião às entidades locais, no sentido de saber quem seria a pessoa mais indicada para fazer um trabalho deste tipo, e foi aí que surgiu o meu nome. Entrei para isto com alguma curiosidade, mas sem saber muito bem o que é que viria a fazer no futuro, e cá me mantenho.

O ser animadora local mudou alguma coisa em ti?

O meu trabalho na In Loco, o meu processo de aprendizagem e de formação, levou-me a valorizar mais aquilo que nós temos e a ver de uma forma diferente a minha terra e as pessoas que lá vivem, isso no bom sentido. Eu era de Querença, nunca tive vergonha de ser da Serra, ao contrário de quando nós andávamos na escola. Hoje já não se sente isso. Na altura, eu estudava em Loulé e chamavam-nos sempre os serraninhos. Muitas pessoas tinham vergonha de dizer que eram do Interior. Hoje, ao contrário, as pessoas têm orgulho em dizer que moram na Serra, porque realmente temos uma qualidade de vida diferente. A nível pessoal, estou envolvida, porque, no fundo, gosto deste tipo de trabalho. Hoje, se calhar, noto um excesso de envolvimento, porque permiti que as coisas chegassem a um determinado ponto, e estão a ficar um pouco insuportáveis.

O que é que te motiva a continuar na animação?

Nunca me passou pela cabeça levar o mesmo modo de vida que as pessoas da minha idade e da minha terra. Foi tudo viver para Loulé. Esteve sempre fora de questão ir viver para a cidade, não me dou muito bem com as confusões dos movimentos citadinos. Se eu avançar agora para outro tipo de situação, vou talvez jogar fora alguns anos da minha vida e, depois, o meu envolvimento local está demasiado enraizado, estou muito ligada às pessoas e às iniciativas locais. O trabalho que realizamos é precário, não temos quaisquer perspectivas a nível de futuro, porque isto, de um momento para o outro, acaba. Mas não é uma preocupação para mim. Cada dia é um dia, e tudo se resolve. É a minha motivação principal. Acredito muito no Interior e acredito também que é possível fazer algo, mesmo pequenas coisas, que articuladas entre elas, conseguem dar condições às pessoas para elas valorizarem o sítio onde vivem.

Como é que as pessoas da tua freguesia julgam o teu trabalho?

Há uns anos, o meu núcleo era muito pouco visitado. Quando as pessoas viam o meu carro com cestos e com garrafas, diziam "lá vai ela fazer mais uma feirinha, dá um dinheirinho e ganha algo com as coisas dos artesãos". As pessoas não percebiam. Hoje, o dia de atendimento, é um dia de invasão de gente. Quem dá a cara é quem está no terreno e, por vezes, pode ser também doloroso. Nós servimos de equilíbrio, mas depois, quando as coisas correm mal, também nos vêm martirizar a cabeça. Por exemplo, a fase final dos projectos é sempre complicada. As pessoas criam expectativas em relação ao nosso trabalho e, depois, há coisas que não conseguimos realizar. Quem está no terreno, é quem sofre um bocado as consequências desse tipo de coisas.

Qual é o contributo de uma animadora local?

A estrutura de animação que a In Loco tem é uma estrutura que permite desenvolver uma série de projectos, que se nós não existíssemos não era possível, não querendo estar a valorizar-nos muito. Eu conheço outras associações que trabalham com o LEADER e com outro tipo de programas, e é realmente impossível dinamizar o local sem estar lá presente. O nosso contributo para o trabalho da In Loco tem sido importantíssimo nestes últimos anos e acho que a In Loco o reconhece perfeitamente, senão não nos mantinha cá.



Fotos: João Limão

Elsa, Luísa, Manuel, Margarida,

Sónia. Função: animação local.

Hobby: desenvolvimento local.

Particularidade: são do próprio

local. Resumindo, mais in loco do

que isto é impossível. Numa só

pessoa conjugam-se dois princípios:

aproveitar ao máximo as potencia-

lidades presentes no terreno e

aplicar a abordagem bottom up.

Dito com todas as letras e convic-

ção: "nós temos muito a dar, a

nossa experiência é muito enrique-

cedora." – Sónia; "nós temos a rea-

lidade, transmitimos a realidade

das questões, do que se passa

mesmo a nível do terreno."

– Margarida. Silêncio!

Fala-se de animação.

Como é que se tem vindo a desenvolver o local?

Nos primeiros tempos, foi um bocado frustrante, porque eu olhava para trás e não via resultados. Cheguei a chorar muitas vezes. Hoje, já passaram oito anos e, a nível da minha postura, a minha valorização cresceu imenso, isso mesmo frente às populações. Hoje, há unidades de turismo que não estão classificadas como turismo rural, mas mesmo assim, são turismo de alojamento no interior; há uma série de unidades de mulheres, que não existiam; há restaurantes, que não existiam; há associações com mais dinâmica; há diversas actividades que não se faziam e que hoje é possível fazer, o que não tem só a ver com o trabalho da In Loco, mas também com um conjunto de situações que têm vindo a valorizar o interior. Há uns anos, falava-se do Algarve e dizia-se "o Algarve é o mar, é a praia, é Quarteira e Vilamoura e por aí fora". Hoje em dia, há outro conhecimento, mesmo a nível da comunicação social. Há um conjunto de coisas que estavam um pouco esquecidas, que surgem através deste trabalho e outras coisas que as autarquias também fazem e que as associações locais têm vindo a valorizar. É pena que haja depois outros entraves, como por exemplo a nível da fixação dos jovens nas localidades. Para mim, é uma preocupação e penso que isso parte do poder a nível nacional. Por exemplo, na Serra não se podem construir casas, em quase sítio nenhum. Há regras muito rigorosas em relação a isso e as pessoas acabam por se enfiar dentro das casotas na cidade, onde a qualidade de vida é uma mentira.

Como é que se pratica o desenvolvimento local?

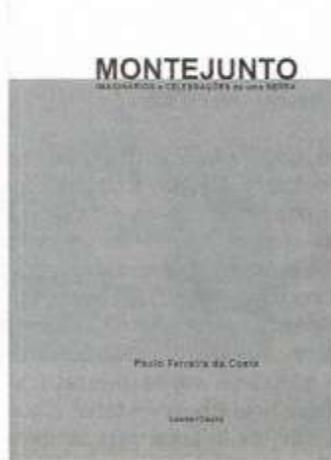
Só é possível desenvolver um sítio, quando se conseguem unir os esforços das entidades, em primeiro lugar, e depois os das pessoas. Se cada um estiver a lutar para o seu lugar, a puxar as cordas cada um para o seu lado, nós não vamos a lugar nenhum, por muito boa vontade que nós tenhamos. Um dos nossos principais objectivos é trabalhar no sentido de unir e articular o poder que existe nas nossas zonas. Se trabalharmos todos em conjunto, de certeza, que é possível fazer imensas coisas. Uma pessoa sozinha a querer fazer muita coisa e a querer dinamizar, não vai muito longe.



O FORAL MANUELINO DE ÓBIDOS

Sérgio Gorjão, Câmara Municipal de Óbidos, 1999
Com o apoio do Programa LEADER II / LEADER OESTE

Óbidos é uma referência patrimonial e turística do nosso país. Testemunho de um passado medieval, rentabilizado economicamente nos dias de hoje através da actividade turística, a sua história e a sua identidade são motivo de interesse para os milhares de visitantes que a demandam. Esta obra permite uma leitura de Óbidos à luz do seu foral Manuelino e descreve os aspectos da economia, justiça, administração e sociedade daquele concelho nos finais do século XV. O livro possui ainda, nas suas 80 páginas, uma abordagem sobre a origem e evolução das estruturas de poder municipal e a central até ao século XVI e sobre a reforma dos forais.



MONTEJUNTO. IMAGINÁRIOS E CELEBRAÇÕES DE UMA SERRA

Paulo Ferreira da Costa, Leader Oeste, 1999
Com o apoio do Programa LEADER II / LEADER OESTE

Descobrir uma serra na sua relação com as gentes, é o objectivo desta obra. Para lá do enquadramento e da descrição das suas componentes, o livro está marcado pelo "imaginário" construído à volta do Montejunto, bem como pelas "celebrações" que envolve. As "Mouras encantadas", as "Mouras-Bichas", os Lobisomens, as Bruxas, são abordados na sua vivência local. As práticas que rodeiam a vivência rural e agrícola tradicionais nas populações do Montejunto são igualmente tratadas, com alguns pormenores originais, como o "Dia da espera do cuco" (19 de Março) com cortejo popular em que um jovem, imitando o cuco era conduzido, em cima de um burro, até um pinhal, numa celebração da chegada da Primavera.



AS ESCOLHIDAS

Graça Morais, Assírio e Alvim, 1997
Com o apoio do Programa LEADER II / DESTAQUE

"As Escolhidas são mulheres a quem a dureza do meio, a procriação, a manutenção do lume, a guarda da memória e as clarabóias dos quartos escuros outorgaram uma vida legível nos traços dos seus rostos. Habitualmente falam pouco. Observam com perspicácia cada interlocutor. Raramente se queixam. Conhecem de cor os feitos da terra desde as geadas dos lameiros à secura das searas. E assim, há muitos anos, cumprem os mesmos ciclos que lhes trazem o nascimento das crias, o milho para as arcas e o azeite às talhas. Sabem o mistério das sementes que debulham, escolhem e semeiam sempre com idêntica esperança." Este livro é a minha sentida homenagem às mulheres de Trás-os-Montes, diz Graça Morais. Um livro em que se reproduzem 12 aguarelas de Graça Morais sobre "Escolhidas".



O MUNICÍPIO DE ALTER DO CHÃO NOS FINAIS DO SÉC. XVIII

Teresa Casquilho Ribeiro, Palimage Editores, 1998
Com o apoio do Programa LEADER II / LEADERSOR

"Através [deste trabalho] quisemos conhecer os Poderosos da vila entre 1775 e 1800: quem foram, qual o estatuto económico e social que os caracterizava, se foi esporádica ou cíclica a sua participação na administração camarária, a que outras esferas do Poder estiveram ligados e até que ponto o serviço do Poder foi actor de mobilidade social." (da introdução) Um importante estudo de História local que, para além de revelar importantes páginas da História do concelho de Alter do Chão, constitui ainda um significativo contributo para a história dos municípios portugueses.



www.globenet.org

O organização GlobeNet tem como objectivo principal prestar assistência às organizações sem fins lucrativos, cujos projectos envolvam requisitos específicos em termos de comunicação e troca de informação. Com base na Internet, a GlobeNet oferece serviços de ligação, de construção de um web site, bem como formações na área das novas tecnologias da informação e comunicação. No site www.globenet.org o destaque vai para o item "Horizon local" que disponibiliza uma base de documentos consagrada ao desenvolvimento local, à solidariedade internacional, à economia solidária e ao desenvolvimento durável. A organização e a forma de apresentação dos temas permite um de rápido acesso à informação, tomando este site numa óptima fonte de documentação.



www.iica.org.br

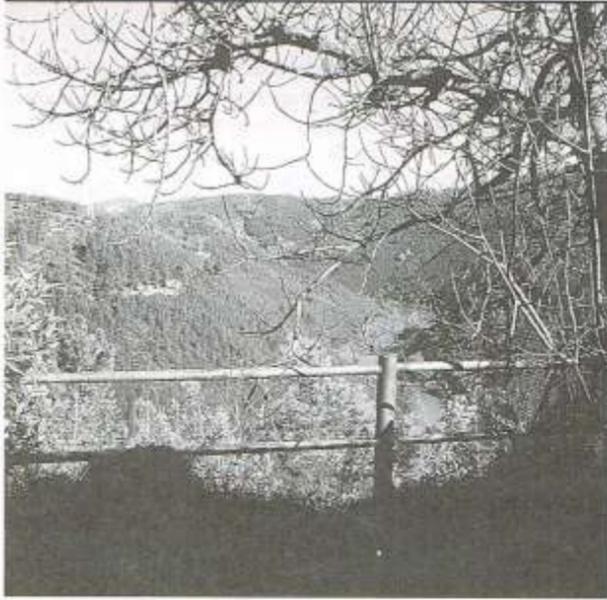
O Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura - IICA - é o organismo especializado em agricultura com os objectivos de fomentar, promover e apoiar os esforços dos 34 Estados que pertencem ao Sistema Interamericano (América do Sul e Caribe) para alcançar o seu desenvolvimento agrícola e o bem-estar rural. A sua estratégia de actuação está direccionada para as áreas de políticas Sócio-económicas, Comércio e Investimento, Ciência e Tecnologia Recursos Naturais e Produção Agro-pecuária e Desenvolvimento Rural Sustentável. O site apresentado em www.iica.org.br é mais uma fonte de informação que poderá ser útil a quem se interessa, ou trabalha, sobre os temas referidos. Esta informação está disponível no item "publicações / eventos" e a forma como está organizada permite uma escolha fácil aos documentos disponíveis. São de destacar duas publicações completas, no âmbito do desenvolvimento local sustentável: "A Sustentabilidade do Desenvolvimento Local", de Carlos Jara, e "Metodologia de Planeamento do desenvolvimento Local e Municipal Sustentável", de Sérgio C. Buarque, ambas em português.



www.truenet.com.br/bnbpnud

O www.truenet.com.br/bnbpnud é o endereço do Projecto Banco do Nordeste/PNUD que surgiu de um acordo de cooperação técnica entre o Banco do Nordeste (Brasil) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Neste projecto tentou desenvolver-se um programa de capacitação junto dos pequenos produtores, tendo como base o recurso ao crédito como condição necessária mas não suficiente para garantir o sucesso dos empreendimentos.

Além de estarem disponíveis as metodologias e resultados do projecto, mais uma vez o destaque vai para as várias publicações disponíveis. No item "Materiais e Instrumentos" são disponibilizados cadernos temáticos e metodológicos sobre vários temas ligados ao desenvolvimento local, ao associativismo e organização empresarial, bem como outras publicações e vídeos relativas a este projecto.



Fotos: João Limão

Projecto "Rio" - Reconversão do património mineiro da Panasqueira

Uma "mina" de ideias para o desenvolvimento

Longe vão os tempos em que as Minas eram a garantia de sobrevivência para as gentes da Panasqueira. A crise instalou-se e os resistentes limitam-se a esperar uma oportunidade. Conhecedora desta realidade, a Pinus Verde avançou com um Projecto de Requalificação do "Rio", como tentativa de inverter esta tendência negativa.

Em plena serra, quem segue a estrada que liga Silvares à Barroca e que acompanha o serpentejar do Zêzere lá em baixo, num primeiro olhar não pode deixar de ficar surpreendido. Aqui e ali, por entre as manchas de pinheiro bravo, verdadeiras montanhas artificiais de areia e cascalho amarelo ocre irrompem do verde dos montes. Toneladas de areia, acumulam-se imponentes, criando pequenos cenários de uma paisagem quase lunar, tão bela quanto estranha.

Cedo se percebe que o objecto do nosso espanto não é mais do que o primeiro sinal da presença próxima das Minas da Panasqueira. "As manchas de lua" são o resultado da ânsia com que antigos mineiros esventraram a serra em busca do precioso volfrâmio. As montanhas artificiais têm o seu correspondente em "negativo" nos milhares de quilómetros de galerias escavadas debaixo da terra.

Durante anos, as Minas da Panasqueira foram o sustento das populações da região. Diz quem sabe, que os mineiros viviam mal. Ganhavam pouco e trabalhavam muito. Mas as boas instalações do Clube Desportivo e Recreativo das Minas da Panasqueira, a tradição do hóquei em patins, os campos de ténis, o Hospital particular, o supermercado com preços mais baixos, os canteiros floridos na beira da estrada principal são recordados com saudade. Marcas dos tempos em que o rebuliço diário era sinal de prosperidade.

Crise profunda

Nesses tempos, estes pequenos prazeres permitiam uma existência "senão boa, pelo menos razoável". Só que a instabilidade do mercado de volfrâmio deitou tudo a perder. Hoje, as Minas da Panasqueira são a única mina de volfrâmio da Europa, num mercado dominado por russos e chineses, capazes de, a qualquer momento, colocarem no mercado produtos a preço de saldo.

A crise instalou-se. As pessoas foram obrigadas a partir, em busca de sustento, de melhores condições de vida, ou simplesmente para não serem esquecidas.

Para os que ficaram, o cenário é de desolação. Instalações

abandonadas, estradas com "crateras", estruturas metálicas ferrugentas, ruínas e escombros... Gente esquecida, que se limita a esperar, porque mais não pode fazer.

Paulo Fernandes conhece bem estas histórias. Primeiro, quando dedicou a sua tese de licenciatura em Relações Internacionais ao papel da Panasqueira nas relações entre Portugal, Inglaterra e Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, já como director-executivo da Pinus Verde, quando se apercebeu do enorme potencial de desenvolvimento que as Minas encerram.

O Plano Global de Acção do Projecto "Rio", da Pinus Verde, tem cinco eixos fundamentais – Criação do Centro MinAventura, Couto Jovem, Centro de Documentação das Minas/Parque Arqueológico das Minas, Centro de Investigação na Área Florestal e Ambiental, e Lavaria de cara lavada.

Um projecto desta grandeza necessita da participação integrada de muitos parceiros, entre associações como a ADE-RES, a Junta de Freguesia de Silvares, ou a Câmara Municipal do Fundão, ao mesmo tempo que exige uma elevada articulação de programas de apoio. Aldeias Digitais, Contratos de Aldeia, Procentro, INTERREG e Acção Integrada do Pinhal Interior (CCRC), AGROS, AGRIS, RURIS, POEFDS, POE, LEADER + ou POA, entram nas contas dos promotores da iniciativa como eventuais fontes de iniciativa.

"Um projecto de uma vida."

A aldeia do Rio esconde-se por detrás de um monte, longe da vista de quem atravessa a estrada. Os caminhos são maus e traiçoeiros, mas uma vez ultrapassados permitem encontrar a pequena aldeia que se debruça sobre o rio. O Rio ou Cabeço do Pião, como também era conhecido, fazia parte de uma das três secções construídas de raiz para a exploração de minério e para a habitação dos mineiros. Salpicadas pelo monte encontramos a estrutura da Lavaria, o armazém de tratamento de minério, o Bairro Chinês, a Messe, os armazéns, a escola, algumas casas, um campo de hóquei em patins e outro de ténis, que deixam adivinhar a grandiosidade que o empreendimento teve noutros tempos.

Uma pequena aldeia com as suas idiossincrasias, que de acordo com Paulo Fernandes faz do Projecto "Rio" o "projecto de uma vida". O director executivo da Pinus Verde conhece o projecto como ninguém. Monte acima, monte abaixo, numa visita guiada às velhas instalações, lá vai mostrando com entusiasmo o velho armazém que dará lugar ao Centro MinAventura, cujo objectivo é ser um dos centros de actividades de ar livre de referência no espaço nacional. A descrição é tão viva que quase conseguimos ver as canoas reluzentes encostadas à parede, e mais ao lado as pranchas de sunboard e snowboard.

No outro armazém ficará a "Cantina do Mineiro", um pequeno restaurante que pode funcionar como mais um estímulo para a reabilitação turística da região. Mais acima fica o Bairro Chinês. Memória das condições miseráveis em que alguns mineiros viviam. O nome vem da reduzida dimensão das habitações. As 36 residências existentes vão dar lugar a cerca de uma dezena de T1, enquadrados numa perspectiva de Turismo de Aldeia.

Na antiga messe, onde antes ficavam os quadros superiores que se deslocavam de fora para trabalhar nas Minas, ficará a funcionar o Albergue para a Juventude, que disponibilizará 25 a 30 camas. A poucos metros de distância a escola, onde vão ficar o Centro de Documentação e Investigação, a Escola Digital e a sala de formação. Pretende-se criar um centro que aglutine e organize todo o legado histórico sobre o funcionamento das minas.

Os projectos não ficam por aqui. Entre uma e outra visita, Paulo Fernandes vai discorrendo sobre as actividades desenvolvidas em paralelo, como a marcação das rotas do Volfrâmio ou o Parque Arqueológico da Lavaria. Para já, o Couto do "Rio" continua como marco da memória orgulhosa de várias gerações de mineiros, mas com um futuro pouco radioso, que a Pinus Verde quer mudar. Para os que ficaram a hora é de espera. Esperar que a vida melhore, esperar por uma oportunidade, esperar no café quase deserto até que alguém anime a velha mesa de matraquilhos agora encostada a um canto.

João Limão
jlimao@inde.pt

PAISAGEM ALENTEJANA, SUA FAUNA E FLORA

15 de Setembro 2000 a 20 de Maio 2001

Organizada pelo Centro de Estudos de Avifauna Ibérica, no âmbito da iniciativa comunitária LEADER, esta exposição pretende mostrar alguns dos retalhos que compõem a paisagem alentejana. A exposição irá passar por vários locais entre Setembro e Maio:

Moura - 2 a 15 de Abril, CM Moura | **Santiago do Cacém** - 7 a 20 de Maio, CAP Alda Guerreiro, VN Santo André.

ARTE EM DOIS TONS

Lousã e Figueiró dos Vinhos

18-22 de Abril

A Dueceira / LEADER - ELOZ - Entre Lousã e Zêzere vai realizar a Exposição Internacional de Artes Plásticas: Artes em Dois Tons, no âmbito de um projecto de cooperação transnacional com as entidades francesas LEADER Terres Romanes e Office de Tourisme de Prades. AS obras presentes na exposição vão estar integradas em quatro tipologias de arte: pintura, escultura, cerâmica/azulejaria artística e tapeçaria artística e terão como tema "O Mundo Rural".

Contactos: www.dueceira.pt

MANIFESTA 2001

Tavira

27-30 de Abril 2001

A ANIMAR, Associação Portuguesa do Desenvolvimento Local, e a Associação IN LOCO organizam a 4ª edição da MANIFESTA. Com este acontecimento pretende-se garantir o grande encontro periódico das entidades e dos projectos que, tanto em meio urbano como meio rural, promovem o Desenvolvimento Local no nosso País.

Contactos: Organização Nacional | Animar - Calçada do Marquês de Abrantes, 10 - 3ª esq. - 1120 - 719 LISBOA - Tel / Fax: 21 397 87 94 - animar_lisboa@yahoo.com

Organização Local | Associação IN LOCO - Apartado 603 - 8001 - 975 Faro - Tel: 289 82 50 63 / 289 82 50 32 - Fax: 289 82 71 75 - inloco@mail.telepac.pt - www.in-loco.pt

OUTRAS INICIATIVAS COM INTERESSE

FESTIVAL DE JARDINS LISBOA 2001

Pavilhão de Exposições da Tapada da Ajuda, Lisboa

5-8 de Abril

A iniciativa procura expor, num só local, toda a diversidade de produtos, equipamentos e serviços para jardinagem, bem como as políticas autárquicas de espaços verdes e de defesa do ambiente. Pretende-se também que este certame constitua um importante ponto de encontro de técnicos dos sectores envolvidos e um local de debate das principais questões a eles ligadas. Assim, decorrerá em simultâneo o «Seminário Jardins de hoje» (6 e 7 de Abril) com o objectivo de analisar e debater as principais questões que se colocam aos operadores destes sectores.

Contactos: Promexpo - Promoção e serviços Lda - Avenida da República, n.º 86 - 1495 - 108 Algés

IV CONGRESSO NACIONAL DAS COLECTIVIDADES DE CULTURA RECREIO E DESPORTO

Loures

6-8 de Abril

Pretende-se com este congresso que Loures se transforme na capital do associativismo popular e que as conclusões que daí saírem sejam o guia de acção que permitirá enfrentar com confiança as necessidades mais sentidas pelas populações.

Contactos: Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio - Rua da Palma, 248 - 1100 - 394 Lisboa - Tel: 21 888 26 19 - Fax: 21 888 28 66 - fpccr@colectividades.org - www.colectividades.org

III FEIRA DO FOLAR

Produtos da Terra e seus sabores

Valpaços

6-8 de Abril

O Folar, diferente de todos os produtos em Trás-os-Montes, é um dos emblemas da rica e variada gastronomia, associada a Valpaços. É este símbolo da cozinha tradicional de Valpaços que esta III Feira pretende divulgar.

No primeiro dia da III Mostra do Folar de Valpaços realiza-se o colóquio "O Futuro dos Sabores com Memória".

Neste colóquio serão discutidos diversos temas: "Que futuro para os sabores com memória?", "Salsicharia tradicional transmontana: o papel da investigação (Projecto PAMAF 3056)", "Produtos de salsicharia tradicional: os novos desafios na implementação de métodos de controlo de quantidade sanitária", "Licenciamento de pequenas unidades de produtos alimentares", "Certificação de produtos IGP e DOC" e "ANCESTRAL - " Uma iniciativa empresarial".

Contactos: Câmara Municipal de Valpaços - Tel: 278 710 136

Fax: 278 711 135 - feirafolarvalpacos@portugalmail.pt

"SABOROSOS ENCONTROS"

Vila do Sardoal

7-8 de Abril

Organizada pela Câmara Municipal do Sardoal, esta mini-mostra gastronómica de doçaria tradicional, de enchidos, queijo e mel, pretende promover e divulgar a gastronomia típica do Concelho, onde as velhas artes de confeccionar os alimentos, em especial pão e bolos, se articulam com as recentes tecnologias de produção.

Devido à quadra Pascal, os "Saborosos Encontros" vão incluir folares, entre outros doces da Páscoa, para além dos habituais bolos lèvedos, das broas amassadas e fervidas e das tjeladas.

Durante os dois dias haverá animação musical, concursos e passatempos.

Contactos: Câmara Municipal de Sardoal - Tel: 241 85 00 00 - Fax: 241 85 56 84 - camaradesardoal@mail.telepac.pt

CONCURSO EUROPEU DE CERÂMICA ARTÍSTICA

Squillace, Itália

10 de Abril

A "Ceramiche di Squillace", beneficiária do GEOART - um Projecto de Cooperação Transnacional - está a promover um concurso destinado a cerâmicos europeus, para promover o conhecimento do artesanato artístico. O objectivo deste concurso é o de estimular a investigação e a renovação de técnicas e materiais.

Toda a documentação e trabalhos deverão ser entregues até 10 de Abril e a exposição dos trabalhos estará aberta ao público até 30 de Setembro.

Contactos: Le Ceramiche di Squillace Soc. Cons. a r.l. Piazza Municipio, 3 - 88069 Squillace (CZ) Italy - Tel: ++ 39 0961 914030

CURSO PARA FORMAÇÃO DE TÉCNICOS EM PECUÁRIA BIOLÓGICA

Escola Superior Agrária de Beja - formação teórica

Exploração Monte do Carvalheiro - formação prática

16-20 de Abril

Actualmente, verifica-se um crescente interesse em relação à produção de lacticínios e de carne segundo o modo biológico.

Como resultado do facto da legislação Europeia para a Pecuária Biológica ter entrado em vigor em 2000, um número significativo de potenciais produtores vai confrontar-se com a necessidade de obter apoio técnico e formação adicional no assunto.

O programa do curso possui oito pontos: "Introdução e Objectivos", "Considerar a Conversão. O papel dos animais no sistema de produção biológico. Benefícios da Pecuária Biológica.", "Manejo e bem-estar animal", "Nutrição e Alimentação Animal", "Higiene-sanidade e Patologia", "Ascendência e Criação", "Transporte e Abate" e "Certificação, Marketing e Comercialização".

Contactos: Albertina Raposo - Escola Superior Agrária - albertina@esab.ipbeja.pt - Mirjam OIsthoorn - BeirAmbiente - beirambiente@mail.telepac.pt

I JORNADAS IBÉRICAS DE ECOLOGIA DA PAISAGEM

Escola Superior Agrária de Bragança

17-21 de Abril

Algures entre a sua legitimidade produtiva e a sua legitimidade reguladora e informativa, as paisagens tradicionais ibéricas experimentam tempos de transformação drástica das suas dinâmicas e estruturas, um processo que requer uma interpretação integrada, sistemática e interdisciplinar como a proporcionada pela ecologia da paisagem.

As I Jornadas Ibéricas de Ecologia da Paisagem pretendem reunir pessoas, temas e lugares susceptíveis de proporcionar essa discussão, através de ambientes e ruralidades diversificadas, num complexo de fronteiras, homens, economias, culturas, ecologias, etc.

Contactos: I Jornadas Ibéricas de Ecologia da Paisagem - Escola Superior Agrária de Bragança - Campus de Santa Apolónia, Apartado 172 - 5300 Bragança, Portugal - Tel: +351 273 303 235 - Fax: +351 273 325 405 - iberico2000@ipb.pt | I Jornadas Ibéricas de Ecologia del Paisaje - Secretaría del Departamento Interuniversitario de Ecología - Sección de Alcalá - Facultad de Ciencias. E-28801 - Alcalá de Henares (Madrid), España - Tlfno: 34-91 885 49 04 - Fax: 34-91 885 50 90 - ana.guerrero@uah.es

34ª EDIÇÃO DA AGRO - FEIRA INTERNACIONAL DE AGRICULTURA, PECUÁRIA E ALIMENTAÇÃO

Parque de Exposições de Braga

21-25 de Abril

Considerado o maior evento agrícola português e do noroeste ibérico, a AGRO tem assumido, ao longo dos anos (e particularmente desde a adesão à então Comunidade Europeia, em 1985), um importante papel na divulgação dos factores de modernização do sector

agrícola, acompanhando de perto a evolução verificada no sector.

Contactos: Parque de Exposições de Braga | Divisão de Feiras e Exposições - Coordenador da Feira: Baltazar Pires - Tel: 253 61 67 88 - Fax: 253 26 46 72 - feiras@peb.pt

SEMANA HORTÍCOLA DA REGIÃO OESTE

Parque Regional de Exposições de Torres Vedras

25-29 de Abril

Nos dias 27 e 28 de Abril serão apresentados diversos painéis: "O Regadio", "Promoção e Valorização dos Legumes do Oeste", "QCA III - Programa Agro e Agris", "Novas Tecnologias no Sector Hortícola" e "Protecção Integrada em Horticultura".

Contactos: alice.morgado@dgdrrural.pt

ENCONTRO DE ENGENHARIA RURAL

Évora

17 de Maio

A Universidade de Évora e o Departamento de Engenharia Rural organizam este encontro de Engenharia Rural que tem por objectivos: divulgar a experiência de representações nacionais similares, promover o debate sobre a oportunidade de criação de uma representação nacional e divulgar as tendências de investigação e desenvolvimento em diferentes áreas da Engenharia Rural.

Este encontro será composto por diversos temas: "Construções Rurais", "Mecanização Agrícola", "Automação e Instrumentação em Agricultura", "Uso do solo e da água", "Sistemas Agro-Florestais" e terminará com uma mesa redonda sobre as "Perspectivas da Engenharia Rural em Portugal".

Contactos: Universidade de Évora - Secretariado do Departamento de Engenharia Rural - Paula Cristina Sequeira - Apartado 94 - 7002 - 554 Évora - Tel: 266 760 823 - Fax: 266 711 189 - pcf@uevora.pt

II ENCONTRO NACIONAL DO AZEITE

Abrantes

24-25 de Maio

Com organização da Câmara Municipal de Abrantes, este segundo Encontro Nacional do Azeite será composto de três painéis: "Olivicultura Nacional", "Factores críticos de sucesso" e "O azeite, o mercado e a saúde".

O Encontro terá, ainda, no seu último dia, uma mesa redonda sobre "O Sector Oleícola Nacional".

A par com este encontro, decorrerá a I Feira Nacional do Azeite em que haverá um Concurso Nacional da Azeite Extra Virgem, uma Prova de Azeites e um Menu de Degustação.

Contactos: www.cm-abrantes.pt/net/azeite1.htm

IV COLÓQUIO HISPANO-PORTUGUÊS DE ESTUDOS RURAIS

Santiago de Compostela

7-8 de Junho

Este Colóquio tem como tema central "La Multifuncionalidad de los Espacios Rurales de la Península Ibérica".

A conservação da paisagem rural, a gestão sustentável dos recursos naturais, a biodiversidade, a qualidade dos alimentos e a geração de novas actividades em meio rural serão aspectos a tratar assim como a integração destas dimensões na política agrícola e rural.

Contactos: IDEGA - Universidade de Santiago de Compostela - Avda. das Ciencias s/n - Campus universitario Sur - 15706 Santiago de Compostela - Galicia (España) - Fax: 981 59 99 35 - idegacon@usc.es

1º CONGRESSO NACIONAL DAS CIÊNCIAS DO SOLO

Instituto Superior de Agronomia - Auditório da Lagoa, Lisboa

27-29 de Junho

A Sociedade Portuguesa da Ciência do Solo, em colaboração com outras instituições (ISA, IHERA, INIA e IICT), organiza o primeiro congresso nacional das ciências do solo para debater e perspectivar, para o nosso País, as bases científicas e técnicas inerentes à inventariação de recursos e ao ordenamento do território, ao uso sustentável da terra, à recuperação de áreas degradadas e à qualidade do solo, do ar e da água.

São diversos os temas deste 1º Congresso: "Formação, classificação e inventariação de solos. Avaliação de terras e as novas tecnologias", "Química e fertilidade do solo e gestão de nutrientes nos ecossistemas", "Física do solo, desenvolvimento radical e transporte de solutos", "O solo, o ordenamento do território e o planeamento do uso da terra", "Transformação e utilização de efluentes e resíduos", "Tecnologia e indicadores de gestão sustentada dos ecossistemas agrícolas", "As funções do solo e a qualidade ambiental. Conservação e recuperação de solos" e "Ecologia e processos biológicos do solo".

Contactos: Sociedade Portuguesa da Ciência do Solo - a/c Dr. Madalena Fonseca - Centro de Pedologia do IICT - ISA, Tapada da Ajuda - 1349 - 017 Lisboa - Fax: 21 363 50 31 - madfons@isa.utl.pt

Textos sobre desenvolvimento local

"Desenvolvimento local sustentável"

Enfoques alternativos de desenvolvimento propõem a ideia de um desenvolvimento mais justo, realista e sustentável, organizado e planeado ao nível do espaço local, seja microrregional, municipal ou comunitário, acompanhando a tendência global que impulsiona os processos de descentralização político-administrativa. Em grande parte, essa perspectiva de desenvolvimento localizado em ambientes sociogeográficos pequenos ou microespaciais decorre do crescente desencanto com os frutos do modelo centralista de desenvolvimento quantitativo, ou seja, da quase patética avaliação macrosocial dos planos e estratégias nacionais e regionais de crescimento económico. O bolo cresceu e continua a crescer, mas não se distribui adequadamente por toda a sociedade e extensão territorial, sacrificando as maiorias populacionais em função de minorias. Essa ideia de desenvolvimento local sustentável surge também do fracasso geral das acções públicas assistencialistas ou do precário desempenho dos programas antipobreza. Em vez do paliativo da acção compensatória, deveria ser identificada uma proposta de desenvolvimento mais endógeno, mais autogestionária e sustentada para cada sociedade local.

Dando continuidade à publicação do texto de Carlos Jara "A sustentabilidade do desenvolvimento local" (ver PL n.ºs 7, 10 e 16), divulgamos neste número dois excertos do capítulo sobre "Construção do poder local", onde se fala de desenvolvimento local sustentável e das relações entre o local e o global.

Tratando-se de uma obra construída no contexto de uma realidade concreta - o nordeste brasileiro - nela se inscreve uma teorização do desenvolvimento local que interessa reflectir também num contexto português.

A perspectiva de desenvolvimento local, além do mais, surge como resposta do movimento social ao aprofundamento da globalização dos circuitos produtivos, comerciais e financeiros. No presente, quando os grandes conglomerados que concentram o poder económico ao nível mundial tendem a construir os seus próprios espaços económicos, dividindo o planeta em regiões relativamente homogêneas, o desenvolvimento local aparece como um elemento de eficiência económica e equilíbrio ambiental, no sentido de que os espaços microrregionais possam produzir de forma sustentável, na plenitude de suas potencialidades. O processo de globalização com regionalização, que promove estratégias de desenvolvimento baseadas na abertura de mercados e integração de processos produtivos, tende a alimentar-se do potencial local, sempre que exista perspectiva de rentabilidade. Existe o pressuposto de que só no ambiente local ou dentro do espaço microrregional as relações oportunidades/dificuldades, desafios/capacidades, custo/efectividade, investimento/distribuição, - crescimento/benefício - social, democratização / libertação socioeconómica podem mexer, de forma positiva, com o processo de globalização.

Nos múltiplos cenários microrregionais e municipais, as possibilidades para se articular os mercados globais demonstram uma grande diversidade de situações. Enquanto em alguns

deles podem-se identificar recursos estratégicos para o crescimento económico sustentado, noutros, a principal característica é a pobreza de recursos e capacidades. Por isso, para processar essa heterogeneidade, surge uma estratégia de intervenção pública fundamentada no tratamento localizado das potencialidades e problemas socioeconómicos, culturais e ambientais. O desenvolvimento local sustentável coloca-se como uma proposta dialéctica, entre uma forma de desenvolvimento regional centralizado, quantitativo e predatório, e uma abordagem assistencialista e compensatória de desenvolvimento comunitário, procurando construir futuros de forma descentralizada e sustentável, bem como criando condições e capacidades nos espaços sociais menores ou celulares, nos quais a sociedade ainda é sociedade, para que os actores sociais e institucionais locais possam protagonizar a construção de seu próprio destino.

A premissa básica é que, no âmbito da globalização, abertura de mercados, integração mundial dos circuitos produtivos e comerciais, desregulamentação, esvaziamento do Estado, privatização e persistente redução dos padrões sociais de bem-estar, o desenvolvimento local sustentável possa ser alternativa para mudar o rumo dos processos de desenvolvimento. Operando ao nível local, é ainda possível encontrar alternativas para os rumos desenvolvimentistas definidos pelas tendências globais, descobrindo novas formas de desenvolvimento para enfrentar a desigualdade e promover a sustentabilidade. Por meio da educação e da informação, é possível semear na mente e no espírito colectivo das comunidades uma consciência mais esclarecida, bem como um sentimento de "torcida" dirigido à mudança nos relacionamentos entre actores e classes sociais, e entre a sociedade e a natureza.

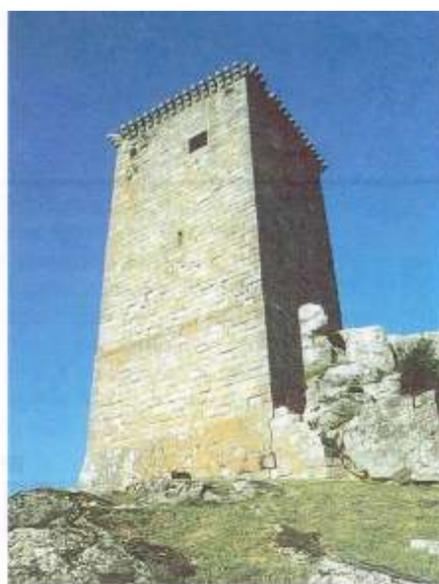
Ao nível local, é ainda possível definir como queremos viver em conjunto. Quanto mais pobre e dependente for a economia local, maior a opressão das comunidades, quanto mais profundas as disparidades urbano-rurais e interregionais, tanto maior deve ser o desafio dos actores sociais e, principalmente, dos governos locais, para formular propostas endógenas de desenvolvimento. Infelizmente, nesses espaços municipais é muito difícil, ou quase impossível, a construção de um esquema de desenvolvimento de "primeiro mundo", apesar dos estímulos consumistas lançados pela "mediacracia" global. Na grande maioria dos municípios marginalizados, simplesmente não existe o tipo de recursos, as condições económicas, os meios tecnológicos e informativos, as vantagens competitivas, nem as articulações políticas para se integrar dinamicamente aos fluxos globais. Só existe pobreza acompanhada da ansiedade de consumo sistematicamente introduzida pela publicidade. Isso gera um estado de permanente insatisfação na sociedade local, que faz com que o poder tradicional grite pela abertura de mercados.

[...]

A estratégia de desenvolvimento local precisa das actividades de planeamento para antecipar-se, de forma racional e inteligente, aos processos de mudança. O planeamento local, como actividade dirigida à escolha de uma estratégia de modificações estruturais, social e territorialmente localizadas, e como processo que define objectivos e alternativas, está a fugir rapidamente da convencional abordagem tecnocrática para uma perspectiva sociopolítica, ou seja, como diálogo permanente entre actores sociais e institucionais. Sendo o planeamento local função relevante do poder público, passa a ser instância de instrumentação municipal.

Infelizmente, na abordagem do planeamento convencional, o desenvolvimento local geralmente assume características fragmentárias e unidimensionais, ainda quando consegue introduzir elementos participativos. As comunidades são tratadas como células carentes, atomizadas e relativamente fechadas, o nível microssocial aparece desligado do macrosocial, os problemas são considerados sincronicamente, de forma compartimentalizada, expressando os traços básicos do paradigma mecanicista. As intervenções no espaço local comunitário quase nunca se articulam com os processos em escala microrregional. Daí que os projectos locais antipobreza, em geral, só privilegiam pequenas obras de infra-estrutura, actividades produtivas de escala micro, e acções sociais do tipo convencional, como saúde, educação e moradia. Da forma como é organizado o processo de planeamento comunitário, minimizam-se as possibilidades de construir poder local, porque se eliminam a perspectiva global, a tomada de consciência, a criatividade, a integração horizontal e os valores culturais.

[...]



Este ano, a colheita não foi abundante. Dizem os olivicultores e queixam-se os produtores. Além disso, a chuva foi muita, os terrenos ficaram encharcados, tornando a apanha da azeitona, um trabalho já por si duro, ainda mais difícil. Mas, em contrapartida, a azeitona estava muito boa. Falamos do azeite - esse precioso líquido com coloração amarela, levemente esverdeado, por vezes, com aroma "sui generis" e sabor a fruto, e que dá mais gosto ao pão, ao peixe, à carne e às verduras.

texto e fotografias de Paula Matos dos Santos
pmsantos@inde.pt

Azeite

A tradição ainda é o que era

Na região da Beira Baixa - abrangida por uma das cinco DOP (denominação de origem protegida) existentes em Portugal para o azeite - Beira Interior (as restantes são Trás-os-Montes, Ribatejo, Norte Alentejo e Moura) - uma região de azeite, por tradição, este foi o cenário da campanha que agora termina.

Em Penamacor, um dos concelhos da área geográfica do azeite Beira Baixa DOP, a produção baixou significativamente. Pedro Fians, responsável pelo maior posto de transformação de azeitona do concelho e da região, adianta que este ano entraram na "Penazeites" 700 mil quilos de azeitona. Pode parecer muito mas, comparando com os anos anteriores, nomeadamente, com a campanha de 1998/1999 (um milhão e 200 mil quilos), é muito pouco. Para além de este ser claramente um ano de pouca azeitona, e das condições climatéricas não terem ajudado (razões válidas para todo o país), Pedro Fians aponta ainda a extraordinária qualidade da azeitona como explicação para a "magreza" dos números. "Como a azeitona estava muito boa, houve uma fuga de matéria-prima para a conserva, e até porque é mais valorizada". O lagar abriu na primeira semana de Novembro mas, e como é costume, o pico deu-se durante o mês de Dezembro.

A funcionar há apenas duas campanhas, este lagar de Penamacor recebe azeitona não só do concelho como de toda a área abrangida pela DOP, o que lhe permite também produzir, e embalar, em larga escala e quase todo o ano, vários azeites e produtos afins. Aposar num azeite próprio foi, no entanto, a estratégia definida pelos seus responsáveis.

Produzido a partir das variedades de azeitona Galega, Cordovil e Bical, o azeite da Beira Baixa DOP é conhecido como sendo um azeite de baixa acidez merecendo a classificação de virgem extra (acidez igual ou inferior a 1°). E é com esta classificação que se apresenta o "Grão Mestre" (0,7°) - o ex-libris da "Penazeites". Já o "Jóia da Beira", um outro azeite com o selo deste lagar, é um azeite vir-

gem, o que quer dizer que a acidez é igual ou inferior a 2°. Quanto ao "Vila d'Ouro", produzido e embalado especificamente para o mercado brasileiro, é um azeite igualmente merecedor da mesma classificação. E tem sido no Brasil, o melhor mercado externo, como se sabe, para o azeite português, que este produtor tem vindo a investir mais.

Por cá, várias acções de promoção e divulgação, algumas das quais apoiadas pelo Programa LEADER através da Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul - Adraces, têm vindo a ser desenvolvidas com o mesmo objectivo: dar a conhecer o "produto".

Nos últimos anos, nesta região, e um pouco por todo o país, muitos lagares têm vindo a fechar as suas portas (as regras comunitárias assim obrigam). Por isso, o lagar da "Penazeites", um lagar moderno, em conformidade com todas as regras comunitárias, e com capacidade para receber 50 toneladas de azeitona por dia, foi muito bem recebido pelos olivicultores da região.

Quando se visita um lagar como este fica-se, imediatamente, com a certeza que os moinhos de pedras, as prensas e os capachos, que durante séculos foram utilizados para produzir este fio da vida, e que ainda hoje resistem, aqui e ali, são peças de museu. As diferenças saltam à vista, em tudo. Para além das condições de higiene, agora asseguradas inequivocamente, a mão-de-obra reduz-se a três homens (neste caso) e o "problema", o velho problema das águas ruças já nem se coloca, pelo menos aqui, pois o lagar tem uma estação própria de tratamento de águas residuais (ETAR).

as máquinas fazem quase tudo

Pedro Fians explica como se desenrola todo o processo, desde a chegada da azeitona até ao momento em que o precioso líquido tomba, calmamente, para as garrafas: "O agricultor chega com a azeitona, o carro é pesado na báscula e automaticamente sai um "ticket"; depois é descarregada no tegão de

recepção e é retirada uma amostra aleatoriamente para o laboratório." (um laboratório próprio equipado com os mais modernos instrumentos de controlo e qualidade, e que dá ao olivicultor o índice de acidez em poucos minutos) "Depois", continua, "já sabemos o rendimento que a azeitona deu através da análise laboratorial, introduzem-se os dados no computador e calculamos a percentagem a dar ao agricultor". Isto porque, na tradição dos lagares de azeite, e à semelhança de que ainda hoje se passa um pouco por todo o país, também este funciona em regime de "maquia". Um sistema que parece continuar a agradar aos olivicultores.

"E depois lá dentro, como é?" É assim: a azeitona, geralmente suja e com folhas, é descarregada imediatamente ("para não ficar a tomar bactérias ou fungos"), é lavada e armazenada em tegões (recipiente em aço inoxidável com capacidade para 40 toneladas de azeitona). Depois "desce" até ao moinho de martelos, é moída e transportada através de um semfim para as batedeiras (uma espécie de tanques com uma pás helicoidais e onde aquela "pasta" é mantida entre os 30 e os 35°C - "isto é muito importante para não estragar as características organolépticas do azeite" - sublinha Pedro Fians). Nessas batedeiras, a massa é homogeneizada e transferida para um "decanter" que faz a separação da matéria sólida (bagaço) das águas ruças e do azeite.

Ainda assim (tão moderno), a "Penazeites" não deixa cair a tradição. Sempre que vão a uma feira ou qualquer outra acção de promoção, pedem "emprestado" ao museu de Penamacor as prensas e os capachos e tentam recriar, se não um lagar "à antiga", pelo menos reavivar alguns aspectos como, por exemplo, a tiborna - pão torrado com azeite - com a diferença do pão "saltar" agora da torradeira. E, pelo Natal, como também é tradição, faz-se uma "Lagarada"; uma verdadeira "Lagarada" com bacalhau cozido, às lascas, misturado com batata cozida e regado com muito, muito azeite quente acabado de sair do lagar. Uma tradição que ainda é o que era.

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Propriedade:

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

Administração e Redacção:

INDE/Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Rua Marquesa de Alorna, nº 34 - 2º Esq. 1700-304 LISBOA

Tel. 21.8446595 | Fax.21.8446623

Email. caleader.inde.pt

Site: <http://caleader@inde.pt>

Mensário

Director: Samuel Thirion

Editor: Camilo Mortágua

Chefe de Redacção:

Francisco Botelho

Editor Gráfico: Ana Alvim / Isto É

Redacção: Helena Santos, João

Limão, Paula Matos dos Santos;

Maria do Rosário Aranha

Colaboram neste número:

ADICES, ESDIME, CM Sardoal, Luís

Alvarez, Luís Chaves

Paginação e pré-impressão:

Isto é, comunicação visual, lda

Rua de Serralves, 693-697

Apartado 1503

4107-001 PORTO

Tel.: 22 616 65 70 | Fax: 22 616 65 79

e-mail: isto-e@esoterica.pt

Impressão: Tipografia Silvas, CRL

Rua D. Pedro V, 122 - 1º E

1250-094 LISBOA

Número de exemplares: 6.000

Depósito Legal nº 142 507/99

Registo ICS nº 123 607



Comissão Europeia

Programa LEADER II